



## I

Capítulo um: Para o Halloween lavei meu rosto

Capítulo dois: Sugando ossos de vértebras

Capítulo três: Hattie McDaniel está morta

Capítulo quatro: Parque da Punição

## II

Capítulo cinco: O problema com os humanos

Capítulo seis: Cuidado com as portas

Capítulo sete: Mario's

Epílogo: O novo século

Agradecimentos

Notas

Autor

Créditos

# I

*Vim ao mundo preocupado em suscitar um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos.*

Frantz Fanon<sup>[1]</sup>

*Sou mais valorizado como vetor por meio do qual os outros podem se realizar.*

Cecilio M. Cooper<sup>[2]</sup>

## Capítulo um

### Para o Halloween lavei meu rosto

#### 1

Um surto psicótico não é brincadeira, especialmente se você sabe que não pode chamar aquilo de loucura porque a loucura presume uma mudança de clima, uma temporada de sanidade.

Eu gemia. Chorava. O lençol amarrotado sobre a maca arranhava quando eu me mexia. Sentei quando eles entraram no quarto. Ninguém ia me amarrar. Mas não desci da maca por medo de dar motivo para eles. No brilho da fluorescência, eles — o médico e a enfermeira — eram brancos como pó. A maca chacoalhava enquanto eu tremia e chorava. Eles não se aproximaram. Não pediram ajuda, nem para eles nem para mim, um monstro afásico preto demais para que alguém se importasse. Era assim que eu via o jeito que eles me enxergavam. E minha necessidade de livrar os dois de mim eclipsava meu desejo de ser curado. Mas eu não conseguia falar. Nem para dizer que queria protegê-los de mim.

Bombas de fragmentação explodiam no meu coração. Apertei meu peito e gritei. Eles deram um passo atrás? É o seu coração?, o médico perguntou. Eu queria rir. O engraçado da boca é que ela precisa fechar, além de abrir, para que uma palavra se forme. A minha não fechava; se fechasse, eu sabia que não abriria. As articulações da minha mandíbula produziam gemidos ou uivos, mas não palavras. Pensei, *que engraçado isso!* Respondi para ele com as palavras de um pássaro degolado.

Você fica apertando o peito, ele disse. Você está com alguma dor forte, alguma coisa na região do coração? Fiz que sim com a

cabeça. Me conte mais, ele disse. Mas senti meus lábios se retorcerem de um jeito grotesco; não queria cair no choro de novo. Ele disse que eu não precisava ter pressa. A enfermeira sacudiu a cabeça gravemente, como se olhasse um filhote com focinho de pug numa jaula. Eu sentia a necessidade de responder ao olhar dela com um latido de filhote com focinho de pug. À medida que minha necessidade crescia, a tristeza dela aumentava. Meu latido e os discos tristes dos olhos dela estavam em rota de colisão. *Au! Au! Me dê um biscoito!* Minha cabeça estava rachando e meus flancos também, mas não no mesmo registro de emoção. Dom Barriga-Da-Risada se ergueu de meu torso e encontrou o sr. Por-Que-Caralho-Eu-Estou-Vivo, que deslizara por meu crânio enfurecido e aterrissara em minha garganta. A tristeza secou nos olhos da enfermeira. Ela voltou a ser a mulher amedrontada de antes. O amor-pelo-filhote se metamorfoseara em sua necessidade de autopreservação contra a enorme massa negra com cabelos emplastrados e despenteados, e globos de fogos de artifício explodindo nos buracos onde deviam estar os olhos.

O médico sentou numa banquetta, com um dos pés na barra inferior e o outro no chão. Mas a enfermeira continuou de pé. Ele massageou uma exuberante sobrancelha com o indicador e esperou. Rir é bom, ele disse. Por que você não conta o que é tão engraçado? Eu queria dizer: tudo bem se eu latisse? Percebi, porém, que ia parecer mais doido se pedisse permissão para latir do que se mostrasse um pouco de iniciativa e simplesmente latisse sem fazer maiores dramas. Caí em um precipício de riso e lágrimas.

Ninguém tinha me levado para a clínica estudantil. Fui até lá por conta própria. Enquanto ficava sentado na maca, chorando, com medo do medo do mundo nos olhos do médico e da enfermeira, só consegui responder a uma das perguntas deles (Tem alguém com você?) sacudindo a cabeça. Como você chegou aqui? Quem trouxe você? Lágrimas cicatrizaram meu rosto em resposta. Você veio dirigindo?, um deles perguntou. Sacudi a cabeça. Eles notaram as chaves do carro na minha mão.

Eles ainda não tinham medido meu pulso nem a pressão. O médico me mandou descansar. Disse que voltava dali a pouco.

Quando saíram, as luzes fluorescentes perfuraram meus olhos como adagas de gelo que ficavam penduradas nas mansões durante os invernos da minha infância. Eu não confiava o suficiente no meu senso de equilíbrio para deslizar para fora da maca e apagar as luzes. Não queria ficar deitado de bruços tendo apenas esse lençol enrugado e descartável entre a parte da frente do meu corpo e um colchão frio, que me repreendia como uma tosse seca caso me mexesse. Portanto, fiquei de costas. Rosas explodiam quando eu fechava as pálpebras contra o clarão.

Será que estava me barbeando hoje de manhã quando surtei? Eu estava de barba, então não, não estava me barbeando. Mas eu sabia que tinha começado no espelho. Estava lavando o rosto quando uma estrofe de um poema me veio à cabeça. Começou com uma sensação de calor no rosto e um aperto no peito. O mesmo que eu sentia na infância naquelas manhãs em que não conseguia encarar o dia de insultos em uma escola fundamental para brancos afastada das águas de um longo lago pontilhado por salgueiros. Minha carne zumbia como se minha camiseta fosse feita de insetos, e a pele das minhas costas se rearranjava do mesmo modo que fazia quando minha mãe fechava a porta atrás de mim toda manhã. A memória daquele menininho apavorado que respondia pelo meu nome gemia nos meus ouvidos como o eco de remos num mar calmo, deserto. Remei para a praia, onde todas as dores da minha infância estavam à espera.

Sou um aluno de pós-graduação de meia-idade, eu disse para a imagem que o espelho arruinara. Eu. Tenho. Tudo. Sob. Controle. Mas a pontada de dor no meu peito não escutava. Ela queria lembrar e ouvir o poema que, um momento antes, fluiu para dentro e para fora da minha cabeça.

Eu sabia que tinha que sair antes que morresse de infarto sozinho no meu banheiro. Ao andar, parecia querer desmaiar. O apartamento era pequeno, só um banheiro, depois um quarto, uma cozinha e uma sala. Em cada cômodo encontrei algo para minha mão segurar — a porta do closet, o fogão, o encosto de

uma cadeira na cozinha, as filas de prateleiras de livros que acabavam na porta da frente. A porta da frente se fechou atrás de mim.

Fui tomado pela vertigem, olhava aqueles sete degraus da descida como se olhasse um barranco íngreme. O impulso de desmaiar e o impulso de vomitar trocavam socos no meu corpo. Carma ruim, pensei, através de olhos úmidos, borrados. Achei que ia apagar. Meu Honda Civic dormia no meio-fio como um pequeno lagarto azul. Minhas chaves arranharam o corrimão de ferro forjado enquanto eu cambaleava na descida. *Vamos pedir doces de Halloween*, pensei sorrindo, *lavamos o rosto e estamos com o uniforme da escola*. Um animal em acesso de fúria insana se debatia para eclodir rasgando minha pele numa chuva de sangue e bile. Ele queria rir. Eu queria chorar. A palma de uma mão pressionou o vidro da janela. Dedos mexeram nas chaves.

“Alguém me ajude”, soluzei na minha garganta, torcendo para nenhum branco escutar. “Por favor, alguém me ajude.”

Agora, deitado na maca, lembrava dos fios de vômito prateados se enrolando no capô do meu carro. Depois, sem saber como ou por quê, eu estava num ônibus para o centro de Berkeley. Eu conseguia me ver me vendo pelos olhos dos passageiros do ônibus, enquanto eu tombava para um lado e chorava de mansinho. *Faça eles se sentirem seguros*, pensei, embora jamais tenha me sentido tão vulnerável. Eu pensaria isso novamente na primeira vez que a enfermeira e o médico entraram neste sepulcro branco em que estou deitado. *Faça eles se sentirem seguros*, a regra primordial da diplomacia do negro.

Agora, sozinho na clínica, trombones de luz faziam bolhas nos meus olhos e a sala esfriava. Mas se eu os fechasse, uma série de vidas passadas derraparia pelo meu crânio como um trem que houvesse descarrilado sobre um barranco. Cada vagão daquela cascata era uma carruagem de tempo. A locomotiva era o tempo do *agora*, o tempo deste momento na maca. Depois, vinha tombando uma carruagem de tempo que transportava minha vida no apartheid da África do Sul, onde as promessas de Mandela cintilavam e se asfixiavam como os últimos suspiros de

postes de luz. Todo o derramamento de sangue por uma nação com bandeira-e-hino, a neblina da mitologia e o amor firme de seus amigos que censuravam a chamada extrema esquerda com: “Agora, camaradas, vocês têm que entender que princípios não enchem barriga”. O vagão que despencou no desfiladeiro a seguir era os anos 1980: um compartimento de primeira classe de nervos e úlceras. Eu era um estudante recém-formado pela faculdade que achava que a dor, como qualquer outra coisa na vida, podia ser negociada no pregão da bolsa de valores. Por oito anos, desde a formatura em Dartmouth até emigrar para a África do Sul para combater o apartheid, trabalhei como corretor de ações no varejo. O primeiro corretor de ações negro em Minnesota, segundo me disse o gerente de vendas que com tanto orgulho me contratara.

## 2

Aqueles oito anos quase arruinaram minha saúde. Um lado do rosto se contraía e tremia. Uma úlcera queimava meu estômago. Minha médica não foi a primeira a fazer esse prognóstico. Jasmine, uma secretária no escritório central da Merrill Lynch em Wall Street, que conheci num verão durante um treinamento, também disse que eu estava na profissão errada. Ela tinha razão e eu sabia na época, mas o dinheiro é um grande motivador; agora eu tinha a chance de gastar todo aquele dinheiro num longo tratamento caso não fizesse algo rápido.

“Você não é um capitalista”, minha médica disse. “Você não tem estômago pra isso.”

“Eu quero dinheiro. Eu *preciso* de dinheiro.”

“Você toma oito xícaras de café por dia. Sua bochecha pisca igual a uma lâmpada de código Morse. Vai esperar a úlcera ficar do tamanho do meu mindinho, é esse o plano?”

Tentei diminuir o ritmo, o que significa que minhas vendas caíram, e logo ficou claro que era melhor sair antes que o gerente de vendas me constrangesse e me botasse para fora.



Arranjei um emprego de garçom num clube exclusivo à beira do lago — que só foi aceitar judeus no final da década de 1960, e só teve seu primeiro sócio negro em meados dos anos 1970. A clientela ia desde Dan Aykroyd e Jim Belushi, cuja entourage deixava o salão de festas precisando de obras, para dizer o mínimo, até as velhas famílias de sangue azul que haviam tentado manter meus pais fora do bairro em 1962. Um dia, entrei no salão de festas equilibrando uma grande bandeja com nove saladas Caesar no meu ombro. A bandeja balançou e quase caiu quando vi os rostos na mesa para a qual eu tinha sido mandado. Eram colegas — antigos colegas — da empresa de corretagem que eu largara dois meses antes. Aos poucos fui lembrando a mentira que contei a eles quando saí. “Cansei de trabalhar pro sistema, meus caros. Vou ver o que acontece se trabalhar por conta própria vendendo ações e fazendo planejamento financeiro.” Uma a uma, pus as saladas na mesa. Meu nome explodiu na boca deles, “*Frank?*” — uma pergunta envolta em sobressalto. Pedi demissão uma semana depois — o que não fazia sentido, eles tinham me visto, a mentira tinha sido revelada — e fui trabalhar ganhando menos num museu de arte.

Trabalhei como vigia no Walker Center Art, que tinha vista para o centro de Minneapolis, e lambi minhas feridas do Calhoun Beach Club e de oito anos de falência moral como corretor de ações. A Primeira Intifada acabara de começar na Palestina, e eu tinha um amigo muito querido de Ramallah que também era vigia no museu. O nome dele era Sameer Bishara. Ele era fotógrafo e tinha estudado no Instituto de Arte de Minneapolis. Nós tínhamos a mesma política: revolucionária; e o mesmo signo: áries. Duas pessoas que frequentemente estavam erradas, mas que nunca tinham dúvidas. “Se a gente estivesse num avião”, Sameer me disse uma vez, “e o avião caísse no deserto e os sobreviventes formassem um grupo, algumas pessoas seriam encarregadas de encontrar água, outras, de achar comida e lenha, e a gente precisaria de uma equipe para construir um abrigo com o que pudesse ser usado dos destroços. Mas você, Frank, você seria o cara que ficaria sentado dando

ordens pra gente.” Preferi não estragar o prazer dele dizendo que ele mapeara em mim características que se aplicavam igualmente a ele.

A maior parte dos vigias era artista, escritor ou estudante. Mas Sameer era o único que compartilhava minha política de insurreição. Criamos um vínculo rapidamente e mantivemos distância dos outros. Conteí para ele dos meus sonhos de faculdade: ir para o Zimbábue e lutar pelo zanu/zapu, ou ir para Nova York e me unir a Assata Shakur no Exército de Libertação Negra. Sameer desejava voltar a Ramallah para contribuir com a Intifada, que considerava mais significativa do que as palestras que fazia para os progressistas de olhos marejados em Minnesota. Ele tinha vinte e cinco anos. Eu tinha trinta e um. Em cinco anos, teria a mesma idade de Frantz Fanon ao morrer sob custódia da cia. Quando morreu, em 1961, Fanon tinha fugido da Martinica, sua terra natal, entrado para o exército de De Gaulle e sido ferido combatendo os nazistas. Ele também tinha completado a residência em psiquiatria e medicina, entrado para a fln na revolução argelina, e escrito quatro livros sobre revolução e psicanálise. Eu tinha cinco anos para alcançá-lo — um sarrafo alto posto pelo demônio encarregado de me fazer passar vergonha. A vaidade dos lugares inferiores era meu habitat. Em grande parte, isso valia também para Sameer. Que desperdício, ele me disse, fotografando escandinavos e esquisitões quando devia estar em casa fazendo bombas. Nossos pés eram diferentes, mas tinham os mesmos calos. Fiquei convencido disso quando, certa manhã, ele apareceu para trabalhar sorrindo, embora seu olho direito estivesse ligeiramente inchado e fechado.

“Ontem à noite”, ele informou, “um amigo da Palestina e eu encontramos duas mulheres lindas. Brancas, claro”, acrescentou baixinho, e não me importei em questionar o “claro” porque tinha certeza de que ele não estava errado. Que “branco” significa belo, obviamente, é a mensagem com que somos alimentados durante toda a vida. Protestar contra isso é como dizer “o problema não é o dinheiro” depois que alguém te deu o

troco errado.

Sameer disse que ele e o amigo podiam ter levado as mulheres para casa se três kuwaitianos não tivessem entrado no salão. Quando um dos kuwaitianos passou uma cantada na mulher com quem Sameer conversava, Sameer disse, gentilmente, que ele deveria voltar para sua mesa.

O sujeito zombou: “Você nem tem um país”.

Mas ele voltou. À medida que a noite avançava, os kuwaitianos mandaram champanhe para a mesa de Sameer. Depois, todos os três se aproximaram. Eles se ofereceram para levar as mulheres para uma festa exclusiva em uma cobertura no subúrbio de Edina.

“Só vocês duas”, o kuwaitiano que Sameer tinha mandado passear disse, “não esses dois apátridas.”

Como os kuwaitianos estavam em três e Sameer e o amigo em dois, os kuwaitianos aceitaram a oferta de Sameer de discutir os “detalhes” da festa no estacionamento.

Os dentes do relógio-ponto perfuraram o cartão de Sameer. Fui atrás enquanto ele vestia o blusão azul do museu que todos usávamos. Andamos juntos até a galeria central. Enquanto eu continuava caminhando, para assumir minha posição no nível do mezanino, ele sorriu e sussurrou, “SurrAMOS aqueles kuwaitianos até cansar”.

O estopim para a briga no estacionamento não foi exatamente o orgulho de machos que se enfrentam pela posse de duas fêmeas proibidas — embora isso fizesse parte também, claro. O que mais irritou Sameer foi os kuwaitianos tirarem sarro dele por não ter pátria. Achava que estávamos na mesma situação porque imaginava que meu sofrimento era análogo ao dele. Na época, eu não era um afropessimista.

“Também teria batido neles”, eu disse.

Uma colina alta coberta de grama ficava ao lado do prédio que abrigava o Walker Art Center. A colina não existe mais, foi totalmente escalpelada, como num tratamento de canal, para dar lugar a um restaurante. Mas quando ainda era uma colina, Sameer e eu almoçávamos lá. Na primavera, quando o frio

cessava e o céu limpava, o topo da colina oferecia um panorama dos cisnes brancos que desenhavam o lago do Loring Park. Carros distantes nas ruas do centro da cidade faiscavam como lantejoulas ao sol. E daquela colina dava para ver a cúpula de cobre da Basílica de Santa Maria corroída pela neve derretida e pela chuva violenta até ficar com um brilho verde-azulado que me fazia pensar que as ruínas são o único objeto genuíno do amor. A colina também era um ponto a partir do qual você via a morte acontecer. Logo abaixo dela ficava o Gargalo, um ponto em que três ruas convergiam para se transformar numa só, um lugar no qual algumas das colisões mais horrendas ocorriam. Quando adolescente, ao ler romances de espionagem, eu imaginava o Gargalo como um trecho da Autobahn alemã onde o infeliz espião de John le Carré, Alec Leamas, viu duas crianças acenarem alegres da janela de um carro pequeno; e no momento seguinte viu o carro ser esmagado entre dois grandes caminhões. Foi naquela colina que Sameer me contou do primo morto em Ramallah — que foi pelos ares enquanto fabricava uma bomba. Mas ele não era um homem-bomba. Foi um acidente. Sameer se sentia culpado, como os sobreviventes tantas vezes se sentem, independentemente de quão longe no espaço e no tempo estejam de seus mortos. Ele sobreviveu por estar aqui, e não lá.

Meu amigo desabafou enquanto víamos o mundo abaixo de nós correr sem nem mesmo olhar para cima para demonstrar algum respeito. A certa altura, Sameer falou sobre ser parado e revistado nos postos de controle israelenses. Falou de uma maneira que parecia não exigir minha presença. Nunca tinha visto esse nível de concentração e distanciamento nele. Estava tudo bem. Ele estava passando pelo luto.

“O jeito vergonhoso e humilhante de os soldados passarem as mãos pelo seu corpo”, ele disse. Depois acrescentou: “Mas a vergonha e a humilhação são ainda maiores se o soldado israelense for um judeu etíope”.

A terra tremeu. A ideia de que meu lugar no inconsciente dos palestinos que lutavam por sua liberdade era o mesmo lugar *vergonhoso* que eu ocupava na mente dos brancos nos Estados

Unidos e em Israel me deu calafrios. Controlei-me e disse a ele que aquele era um sentimento estranho, levando em consideração que os palestinos estavam em guerra com os israelenses, e com israelenses brancos, na verdade. Como era possível que as pessoas que roubaram as terras dele e que assassinaram seus parentes fossem uma ameaça *menor* na imaginação dele do que judeus negros, que muitas vezes eram meros instrumentos da loucura israelense, fazendo de vez em quando o seu trabalho sujo? O que, me perguntava em silêncio, tornava os negros (o que *me* tornava) tão intercambiáveis a ponto de podermos ser misturados como uma salada na mente de opressores e oprimidos?

Eu me vi diante da descoberta de que, no inconsciente coletivo, os insurgentes palestinos têm mais em comum com o Estado e com a sociedade civil israelenses do que com os negros. O que eles compartilham é um consenso, em grande medida subconsciente, de que a negritude é um *locus* de abjeção<sup>[1]</sup> a ser instrumentalizado num capricho. Em um momento a negritude é um fenômeno fóbico desfigurado e desfigurador; em outro, a negritude é um instrumento autoconsciente a ser alegremente utilizado<sup>[2]</sup> a favor de motivos e agendas que pouco têm a ver com a libertação dos negros. Ali estava eu, desejando, solidário ao desejo de meu amigo palestino, a plena restauração da soberania palestina; lamentando, solidário ao lamento do meu amigo, a perda de seu primo insurgente; desejando, quer dizer, a *redenção* histórica e política daquilo que eu imaginava ser uma comunidade violada a que *ambos pertencíamos* — quando, de repente, meu amigo vasculhou as profundezas do inconsciente de seu povo e encontrou um tênis suado para atirar na minha cabeça: a descoberta assombrosa de que não apenas eu estava barrado, desde o começo, do desenlace da redenção histórica e política, como também de que as fronteiras da redenção são vigiadas tanto por brancos quanto por não brancos, *mesmo enquanto eles estão matando uns aos outros*.

Pior do que isso. Eu, como pessoa negra (se é que *pessoa*, *sujeito*, *ser* são apropriados, uma vez que *humano* não é), estou

barrado do desenlace da redenção social e histórica, mas, ao mesmo tempo, sou *necessário* para que a redenção tenha algum tipo de coerência. Sem a articulação de uma negrofobogênese comum que se reveza entre Israel e Palestina, a coerência narrativa de seu conflito sangrento evaporaria. A negrofobogênese de meu amigo e de seus compatriotas palestinos é a pedra fundamental, a fundação sobre a qual qualquer edifício de articulação humana (seja amor, seja guerra) é erguido. A humanidade degradada (palestinos) pode ser revistada pela humanidade elevada (judeus asquenaze) e os muros da razão permanecem de pé (não obstante a indignação universal contra as revistas aleatórias). Mas caso o soldado seja um judeu etíope...

A dor apertou meu peito. Sameer e eu éramos antagonistas, não porque como amigos não fôssemos conciliáveis, e não porque nossa política fosse incompatível; mas em função da imagem mental segundo a qual o negro é “responsável por todos os conflitos que possam surgir”.<sup>[3]</sup> Porque a economia libidinal<sup>[4]</sup> que posiciona a imagem mental do negro como objeto fobogênico satura o inconsciente coletivo; ela me usurpa como *instrumento*, embora jamais como *beneficiário*, das dores de toda nação em guerra.

Eu não era um afropessimista em 1988. Em outras palavras, me via como um humano degradado, via meu sofrimento como análogo ao sofrimento dos palestinos, dos nativos americanos e da classe operária. Naquele momento compreendi que a analogia era um engano. Eu era a contraparte da Humanidade. A Humanidade olhava para mim quando estava insegura de si. Eu permitia que a Humanidade dissesse, com um suspiro de alívio existencial: “Pelo menos não somos ele”. Citando Saidiya Hartman: “O escravizado não é um cidadão nem um trabalhador livre, estando excluído da narrativa de ‘Nós, o povo’ que é o elo entre o indivíduo moderno e o Estado. [...] As práticas cotidianas do escravizado ocorrem na lacuna do político, na ausência dos direitos do homem ou das garantias do indivíduo senhor de si, e talvez até mesmo sem constituir uma ‘pessoa’, no sentido usual do termo”.<sup>[5]</sup>

Os negros *corporificam* (o que é diferente de dizer que eles sempre estão dispostos a expressar ou que têm permissão de expressar) uma meta-aporia do pensamento e da ação política.

Para a maior parte dos teóricos em atividade desde 1968, a palavra *aporia* é usada para designar uma contradição em um texto ou um empreendimento teórico. Por exemplo, Jacques Derrida sugere que uma aporia indica “um ponto de indecidibilidade, que aponta o local em que o texto debilita de modo mais evidente sua própria estrutura retórica, se desmantela ou se desconstrói”.<sup>[6]</sup> Porém quando digo que os negros corporificam uma meta-aporia para o pensamento e a ação política, o acréscimo do prefixo *meta-* vai além daquilo que Derrida e os pós-estruturalistas pretendiam — aumenta o nível de abstração e, ao fazer isso, aumenta o que está em jogo.

Na epistemologia, um ramo da filosofia que se ocupa da teoria do conhecimento, o prefixo *meta-* é usado no sentido de *sobre* (*sua própria categoria*). Metadados, por exemplo, são dados sobre dados (quem os produziu, quando, em que formato os dados estão, e assim por diante). Na linguística, considera-se que uma gramática se expressa em metalinguagem, uma linguagem que opera num nível mais alto de abstração para descrever propriedades da linguagem simples (e não a si mesma). Metadiscussão é uma discussão sobre *discussão* (não sobre qualquer tópico particular *de* discussão, mas sobre *a própria discussão*). Na teoria da computação, um teórico da engenharia de software pode se engajar na busca da metaprogramação (ou seja, em escrever programas que manipulam programas).

O afropessimismo, assim, é menos uma teoria e mais uma *metateoria*: um projeto crítico que, ao utilizar a negritude como lente de interpretação, interroga a lógica tácita e presumida do marxismo, do pós-colonialismo, da psicanálise e do feminismo por meio de rigorosa consideração teórica de suas *propriedades e lógicas presumíveis*, como seus fundamentos, métodos, forma e utilidade; e que o faz, de novo, num nível mais alto de abstração do que aquele em que se dá a interrogação dos discursos e métodos das teorias. Como já disse, o afropessimismo é, no

geral, mais metateoria do que teoria. Ele é pessimista com relação às afirmações feitas pelas teorias da libertação quando essas teorias tentam explicar o sofrimento do negro ou quando fazem analogias entre o sofrimento do negro e o sofrimento de outros seres oprimidos. O afropessimismo o faz por meio da exumação e da exposição de meta-aporias, espalhadas como minas terrestres naquilo que essas teorias proclamadas como sendo de libertação universal consideram verdadeiro.

Se, como afirma o afropessimismo, *negros não são sujeitos humanos, sendo, em vez disso, estruturalmente suportes inertes, ferramentas para a execução das fantasias e dos prazeres sadomasoquistas dos brancos e dos não negros*, então isso também significa que, num nível mais alto de abstração, as afirmações de humanidade universal subscritas por todas as teorias acima citadas são prejudicadas por uma meta-aporia: uma contradição que se manifesta sempre que se observa a sério a estrutura do sofrimento dos negros em comparação com a estrutura supostamente universal de todos os seres autoconscientes. Mais uma vez, os negros *corporificam* uma meta-aporia para o pensamento e a ação política — os negros são a pedra no sapato dessas teorias.

Os negros não funcionam como sujeitos políticos; em vez disso, nossa carne e nossas energias são instrumentalizadas em favor das agendas do pensamento pós-colonial, dos imigrantes, do feminismo, dos lgbtq, dos transgêneros e dos trabalhadores. Esses ditos aliados jamais são *autorizados* pela agenda dos negros enraizada nos dilemas éticos dos negros. Uma agenda negra radical é apavorante para a maior parte das pessoas à esquerda — pense em Bernie Sanders — porque emana de uma condição de sofrimento para a qual não existe estratégia imaginável de reparação — nenhuma narrativa de redenção social, política ou nacional. Essa crise, não, essa catástrofe, essa percepção de que sou um ser autoconsciente que não pode usar palavras como “*ser*” ou “*pessoa*” para se descrever sem usar aspas e sem que as sobrelhas das pessoas ao redor ameacem se erguer, foi paralisante.



Eu estava convencido de que se fosse possível contar a história da redenção de um palestino... seu desenlace culminaria no retorno à terra, *uma redenção espacial, cartográfica*; e que se fosse possível contar a história da redenção de classe... seu desenlace culminaria na restauração do dia de trabalho de modo que o trabalhador parasse de trabalhar quando a mais-valia estivesse relegada à lata de lixo da história, *uma redenção temporal*; em outras palavras, uma vez que a redenção pós-colonial e a redenção da classe operária eram possíveis, deveria haver uma história a ser contada que redimisse temporal e espacialmente a subjugação do negro. Eu estava errado. Não tinha cavado fundo o suficiente para ver que, embora o negro sofresse a subjugação temporal e espacial do desenraizamento e da mecânica do dia de trabalho capitalista, nós também sofreremos como hospedeiros de parasitas humanos, embora eles próprios possam ser hospedeiros do capitalismo e do colonialismo parasitários. Eu tinha ido em busca da teoria (primeiro como escritor, e só muito depois como teórico crítico) para que ela me ajudasse a encontrar/criar a história da libertação negra — da redenção política dos negros. O que descobri, em vez disso, foi que a redenção, *como modo narrativo*, era um parasita que se alimentava de mim para obter coerência. Tudo que era significativo na minha vida fora abrigado sob os guarda-chuvas chamados “teoria crítica” e “política radical”. Os parasitas foram o capital, o colonialismo, o patriarcado, a homofobia. E agora estava claro que eu tinha perdido o bonde. Meus parasitas eram humanos, todos humanos — os que tinham tudo e os que não tinham nada.

Para que a teoria crítica e a política radical se livrem do parasitismo que até aqui compartilharam com os movimentos radical e progressista à esquerda, ou seja, para que encaremos, e deixemos de negar, a diferença entre *humanos* que sofrem por meio de uma “economia do descartável”<sup>[7]</sup> e *negros* que sofrem por meio da “morte social”,<sup>[8]</sup> precisamos compreender como a redenção do subalterno (uma narrativa, por exemplo, da *plenitude*, da *perda* e da *restauração* dos palestinos) se torna

possível pela (re)instanciação de um regime de violência que impede a participação dos negros no processo de redenção. Isso exige (a) uma compreensão da diferença entre perda e ausência, e (b) uma compreensão de como a narrativa da perda do subalterno se apoia nos destroços da ausência do negro.

Sameer e eu não compartilhávamos de uma gramática universal, pós-colonial de sofrimento. A perda de Sameer é tangível, *terra*. O paradigma da desapropriação *dele* elabora o capitalismo e a colônia. Nos pontos em que não é tangível é, pelo menos, coerente, como no caso da perda da *força de trabalho*. Mas como descrever a perda que forma o mundo se tudo o que pode ser dito sobre a perda está trancado dentro do mundo? Como narrar a perda da perda? Qual é a “diferença entre [...] algo a ser salvo [...] [e nada] a perder”?<sup>[9]</sup> Sameer me forçou a encarar a profundidade de meu isolamento de modos que eu desejara evitar; um poço profundo do qual nem a teoria pós-colonial, nem o marxismo, nem uma política de gênero de um feminismo inabalável poderiam me resgatar.

Por que a violência contra o negro não é uma forma de ódio racista, e sim o *genoma* da renovação humana; um bálsamo terapêutico de que a espécie humana precisa para se conhecer e se curar? Por que o mundo precisa reproduzir essa violência, essa morte social, para que a vida social possa regenerar humanos e impedir que eles sofram a catástrofe da incoerência (ausência) psíquica? Por que o mundo precisa se alimentar de carne negra?

### 3

Quando o médico e a enfermeira voltaram, finalmente fui capaz de falar. Eles perguntaram o que havia causado aquilo. Eu disse que era o estresse da pós-graduação. O melhor jeito de lidar com uma pergunta é jogar um pouco de verdade no meio da mentira. Eu não podia dizer que subitamente me dera conta do que significava ser um afropessimista; que meu colapso fora causado

por uma descoberta, por meio da qual finalmente compreendi por que eu era negro demais para que alguém se importasse. Eles perguntaram quais remédios eu estava tomando, para saber se a medicação que iam me receitar poderia interagir com o que quer que eu usasse. Como um morcego voando às pressas numa caverna, minha mente ecolocalizou as respostas. Mas nenhuma tocha iluminou o medicamento que eu tomava; em vez disso, descobri os versos esquecidos do meu poema.

*para o Halloween lavei  
meu rosto e vesti meu  
uniforme                    fui de porta em  
porta como um pesadelo.*

## Capítulo dois

### Sugando ossos de vértebras

#### 1

Quando tinha onze anos, eu ficava deitado, à noite, sozinho no escuro, no chão da sala ouvindo cantos gregorianos, registros fonográficos da escola de canto da minha mãe, do coro de que ela fazia parte na Basílica de Santa Maria, no centro de Minneapolis. Sozinho no escuro, eu me via dez anos depois, vestido com uma batina branca, seguido no corredor de pedras frias por dois coroinhas. O ar fresco da catedral era riscado pelo incenso. Estava úmido em Minnesota naquele verão de 1967. O Verão do Amor na costa da Califórnia era uma estação úmida e marcada pelo assédio dos mosquitos na Terra dos 10 Mil Lagos. Mas era fresco no chão, por isso eu deitava sem camisa no carpete e entregava a minha pele aos sons imponentes, sulco após sulco de ondas que cresciam, nas quais eu criava um túnel e me imaginava como um padre. *Santuário*.

Eu não era afropessimista aos onze anos e meu conhecimento sobre o que me causava tanta ansiedade era privado de um vocabulário racial crítico. Mas eu sabia que era negro; não pelos aromas de sassafrás e linguiça defumada saindo de um molho de gumbo que pairavam sobre minha casa, e sobre mais nenhuma da vizinhança, mas porque nós éramos os únicos que chamavam de pretos. Eu só passaria a ser negro no ano seguinte, 1968, ao fazer doze anos. No escuro, aos onze, deitado no chão da sala de estar, eu sabia que era negro não em função de meus elementos culturais, mas porque aquela era a fonte da minha vergonha; uma vergonha não compartilhada pelos vizinhos. Os cantos

gregorianos tremulavam no meu peito, ampliando a escuridão em catacumbas longas e ocas que se estendiam através de mim e até o outro lado onde eu me via no futuro, um futuro em que era reverenciado por meus paroquianos, ao invés de evitado, como fui na primeira série por uma menina que não segurava minha mão por medo que minha fuligem a manchasse. No túnel sonoro do meu futuro, as crianças e meus professores genuflectiam quando eu passava, levantavam e se ajoelhavam quando eu mandava, confessavam a mim seus pecados antes de serem dignos do corpo de Cristo. *Perdoai-me, Pai, pois pequei. Eu não segurava a mão dele porque a fuligem dele sairia na minha pele. Perdoai-me, Pai, porque pequei. Eu o chamei de macaco quando ele escalou a corda na aula de educação física. Perdoai-me, Pai, porque pequei. Entre meus dentes e meu lábio superior eu coloquei a minha língua e cocei meus sovacos quando ele desceu. Perdoai-me, Pai, porque pequei. Nós rimos. Perdoai-me, Pai, porque pequei. Enfiamos a cara dele na neve. Perdoai-me, Pai, porque pequei. Eu o chamei de “amigo” e o levei para casa para saciar a curiosidade da minha mãe. Qual é a sensação, ela perguntou, de ser negro? Perdoai-me, Pai, porque pequei. Fiz ele ficar na frente da turma e nos liderar no Juramento à Bandeira.*

Meu peito, meus braços e o carpete vinho absorviam as confissões deles como um campo de trigo imita o som da chuva. Quando vinham de New Orleans, ou do doce e pungente solo setenta quilômetros rio acima, minhas tias e meus tios me perguntavam se eu queria a luz acesa. As crianças no Sul não se aninhavam no escuro. Não, tia Joyce, quero a escuridão. Está relaxando, querido?, Sim, eu respondia, estou relaxando; quando na verdade o que eu realmente queria dizer era, estou compondo meu hino de redenção.

Estava em repouso, mas não relaxando. Relaxamento é estar no presente, viver as cenas do presente. Quando menino, eu raramente vivia no presente. Estar no presente doía demais. Quando me dava conta, eu era o eu do futuro. O presente era a penitência, o que precisava pagar pela minha fuligem. Eu sonhava que o presente ia passar um dia. Mas eu chegava a cada

ano descobrindo que o presente já havia feito as malas no caminho para me encontrar. Ele estava no saguão com a chave do meu quarto. Mesmo quando eu estava no chão de nossa sala de estar e ouvia as confissões dos pecadores do presente em suas encarnações como suplicantes do amanhã, eu sabia, em algum lugar profundo debaixo dos cantos gregorianos, que o presente sempre estaria à minha espera. No fim daquele verão, a sexta série não seria diferente do que o lento e ácido gotejar dos anos que haviam passado; outro ano me vendo pelos olhos de outros: *Nosso jovem vizinho negro. O menino Wilderson. Mais limpo do que você esperaria. Educado. Fala bem. Tem cheiro bom. Rápido demais para brigar. Não soletra muito bem. Soletra muito bem. Lê melhor do que se esperaria para a idade dele. Atrasado com a lição de casa de matemática. Pernas ruças. Lábios de gorila. Ouvi dizer que fazia xixi na cama.*

Naquele Natal passado, minha professora recomendou que eu repetisse o quinto ano. No quarto ano, disseram que eu era tão esperto que podia pular o quinto; meus pais, contudo, não gostavam da ideia de crianças pulando anos. Depois, no quinto ano, comecei a fazer xixi na cama mais vezes e minha cabeça parou de funcionar. Não conseguia acordar de manhã. Meses se passavam sem que eu entregasse uma tarefa. Naquele verão, enquanto ouvia cantos gregorianos, me maravilhava pensando como tinha conseguido sair do quinto ano. Em março procurei a professora e pedi todas as tarefas que não tinha entregado.

Ela perguntou, “Que tal tudo desde outubro?”.

No feriado da Páscoa, fechei a porta do meu quarto e fiz o equivalente a seis meses de trabalhos de matemática e de tarefas de leitura em uma semana. Deixei ambos na mesa dela em abril. Ela corrigiu tudo e me deu só As e Bs. Ela precisou de uma semana para corrigir e me repreendeu por ter dado um susto nela durante o ano todo. Entendi isso como um elogio.

Se eu fosse branco, meu desempenho nos esportes e meu charme teriam me feito popular. Meus amigos também teriam sido populares. Mas meus amigos eram da terra dos brinquedos quebrados. Liam Gundersen não conseguia distinguir entre a

ameaça de um urso e a ameaça de uma borboleta. Ele hiperventilava e mordida o braço quando alguém erguia a mão para ele. Seu pai e sua mãe eram da Noruega e tinham sido torturados em um campo de concentração japonês quando eram missionários na China. As crianças no parquinho se divertiam toda vez que Liam mordida os braços. Ele era o caçula de treze filhos, que tinham crescido e ido embora. Os irmãos dele tinham deixado para trás romances de Graham Greene, John le Carré e Ian Fleming. Liam e eu passávamos longas horas lendo esses livros no ático da casa dele. Nos três anos, dos onze aos treze, que passei no ático do Liam, eu não entendia aqueles livros tão bem quanto ele; eu também era incapaz de traduzir as citações simples do francês que Graham Greene deixava espalhadas pela página como dinheiro trocado. Mas Liam entendia. O pai de Oskar Nilsen era quiroprático, o que queria dizer “curandeiro” no enclave rico e branco de Kenwood, onde pais eram executivos, banqueiros, arquitetos, advogados, médicos e políticos como o senador e, pouco tempo depois, vice-presidente Walter Mondale, e Mark Dayton, um político cuja família era dona da Target e da B. Dalton Bookseller. Depois tinha Elgar Davenport, que era pequeno e roliço e via o mundo por óculos fundo de garrafa e com um olho que passeava de um lado para outro como se estivesse perdido. Elgar era um constrangimento discreto para sua mãe, que era loira, elegante e atlética e sempre andava na frente dele. Elgar era ruivo e tinha sardas. O sr. Davenport tinha um Corvette vermelho e o emprego dele era “apostar no mercado de ações”. Achei que ia ser bacana se meu pai comprasse um carro esportivo da minha cor; mas aí, com a mesma rapidez que a ideia me ocorreu, me dei conta do lado ruim. O lado ruim de ter um carro esportivo da minha cor era algo que eu sentia sem ter palavras para expressar. Mas o conhecimento muitas vezes é mais profundo que as palavras.

Elgar Davenport, Liam Gundersen, Oskar Nilsen e eu brincávamos de agente secreto no terreno de uma mansão de pedras escuras em frente à minha casa. A casa tinha um elevador

e dez quartos, segundo me disseram, embora nos dezesseis anos que morei do outro lado da rua eu jamais tenha entrado lá. Ela mudou de mãos: a certa altura uma família rica que tinha quase tantos filhos quanto quartos (embora eles fossem novos demais para brincar comigo); em outro momento, o senador Mark Dayton. Era a casa da família quando eles não estavam em Washington; e eles moraram ali até que ele virou governador e se mudou para a mansão do governo em St. Paul. Nós brincávamos de agente secreto numa parte do terreno que ficava longe da casa principal, perto de uma edícula de um quarto no fim de uma trilha de cascalhos. A mansão servia a seu propósito; era essencial para a encenação de nossos jogos de espionagem. Às vezes a casa era a embaixada soviética em um canto sombrio de Washington, d.c. Às vezes era um centro da smersh para treinamento de assassinos que eram preparados para matar James Bond. Nossos jogos de espionagem estavam mais para Salvador Dalí do que para Ian Fleming. Por exemplo, uma cerca baixa de arame, de um dos lados da propriedade, separava o quintal de uma mansão menor da casa dos Dayton. Nós chamávamos essa cerca de Muro de Berlim, sem fazer nenhuma adaptação geográfica, como relocar a mansão de Washington, d.c. para Berlim. Os surrealistas que havia em nós dominavam os cartógrafos realistas.

Se não tirássemos na sorte, acabaríamos sendo quatro meninos no papel de agentes da cia e nenhum comunista. Num dia ruim, Elgar e eu ficamos como espiões soviéticos. Liam e Oskar eram os mocinhos. A brincadeira envolvia dois soviéticos estúpidos correndo e gritando com dois americanos estúpidos que também corriam e gritavam enquanto tentavam pular a cerca baixa de arame do Muro de Berlim para voltarem ao Checkpoint Charlie antes de serem pegos pelos soviéticos.

Elgar e eu ficamos agachados atrás da edícula no fim da trilha de cascalhos. Os americanos viriam de algum lugar perto da mansão, mas nós não sabíamos de qual lado da casa. Normalmente, um dos garotos que estava no papel de mocinho servia de isca, saindo de trás de uma árvore do lado da mansão e



correndo a toda velocidade em direção a uma das extremidades da cerca enquanto o outro esperava até os dois soviéticos serem atraídos para longe. Elgar e eu espiávamos detrás da edícula esperando os dois americanos. Fazíamos círculos com nossos polegares e indicadores na frente dos olhos para fingir que eram binóculos.

“Ei”, Elgar sussurrou.

“Diga”, respondi sussurrando.

“Minha mãe mandou perguntar como é ser negro.”

“Sei lá”, eu disse, menos afável.

“Como assim?”

“É bacana... eu acho.”

“Lá vêm eles!”

Oskar e Liam estavam a caminho! Nós pegamos Liam, mas Oskar conseguiu chegar ao Checkpoint Charlie no quintal dos McDermott.

Da outra vez que encontrei o Elgar, ele disse que sua mãe não gostou da minha resposta. Fiquei preocupado. Perguntei se ela estava brava. Não, ele respondeu. Perguntei se ele tinha certeza. Certeza, tenho certeza, ele disse, ela quer que você vá almoçar lá em casa. Eu disse que tudo bem, mas que tinha que pedir para a minha mãe.

Celina Davenport era visivelmente mais alta que o marido, o Elgar mais velho. Ela não tinha cabelos ruivos como Elgar Jr. nem como Elgar pai. Antes de nos sentarmos para almoçar, ela me levou até a sala de estar e me mostrou em cima da lareira os troféus de tênis que ganhou em uma faculdade que, segundo ela, era uma das “Sete Irmãs” lá na Costa Leste onde não tinha meninos. Na sua voz rouca de dry martini, ela disse que subia pelas paredes naquele lugar.

“O Elgar sabe como eu subia pelas paredes”, ela disse, bagunçando os cabelos dele. Ela nos levou para a cozinha. Eu estava tão pouco à vontade, e não sabia o *porquê*, que só ouvia a metade do que ela dizia, o que significa que só entendia a metade do que ela queria dizer. Mas tinham me ensinado que quando você não sabe o que dizer para alguém, em vez de deixar um

silêncio constrangedor no ar, você faz uma pergunta. Então perguntei por que ela queria subir pelas paredes. Ela me olhou como se eu tivesse perguntado se eles comiam ração de gato no jantar. Depois riu e chamou a empregada, a sra. Szymanski, para servir o almoço. Comemos na cozinha, Celina Davenport, Elgar e eu. A sra. Szymanski colocou uma travessa de sanduíches para o Elgar e para mim. A sra. Davenport também tomou limonada, mas com um pouquinho de gim. O mais discretamente possível, levantei uma ponta do pão para dar uma olhada. Não fui discreto o suficiente.

“Alguma coisa errada com o sanduíche, Frankie?”, a sra. Davenport me perguntou.

“Ele não gosta que chamem ele assim, mãe.”

“Como você gosta que te chamem, querido?”

“Frank”, eu disse, tentando não soar bravo como o Elgar.

“A tua mãe te chama de Frankie quando te chama para dentro.”

Isso me pegou de surpresa, porque eu não sabia que ela conhecia a minha mãe. Sabia que ela tinha *ouvido falar* da minha mãe, mas os Davenport tinham assinado uma petição junto a quinhentas famílias para nos manter fora de Kenwood; e a maior parte dos vizinhos jamais falava com a minha mãe. Eu não disse nada.

Ela perguntou de novo. “Qual é o problema com o sanduíche... Frank?”

“Nada, sra. Davenport.”

“Me diga, não vou me ofender se você não gostar dos meus sanduíches.”

A ironia da frase me escapou na época, porque os sanduíches não eram *dela*, a sra. Szymanski tinha feito.

“Eu queria ver onde estava a carne para poder colocar no meio.”

A mãe do Elgar achou isso divertido. “É um sanduíche italiano: provolone, espinafre e tomate, tudo com um pouquinho de pesto. Você vai estufar se comer carne neste calor.”

“É o que a minha mãe diz”, falei. “Ela faz esses sanduíches às

vezes.”

“Ah, faz?”, a sra. Davenport fez que sim com a cabeça e acendeu um Pall Mall. “Não se torture. Você não precisa comer”, disse.

Isso serviu como suspensão temporária de uma condenação à morte, até eu lembrar que a minha mãe tinha mandado eu me comportar. Dei uma mordida generosa. A náusea revirou meus intestinos enquanto eu tentava engolir. A maionese, o queijo borrachudo e os tomates ácidos, tudo combinado com aquele toque de pesto, desceram com esforço pelo meu esôfago em pedaços pastosos e mal mastigados.

Então Celina Davenport fez a pergunta que Elgar tinha me feito na edícula junto do Muro de Berlim. Numa cadeira bem na minha frente, ela bebericou a limonada com gim, deu mais uma tragada no cigarro e me olhou diretamente enquanto esperava uma resposta.

Parei de comer. (“Eu nunca contrataria alguém que põe sal na comida antes de comer.” Um dos axiomas do meu pai. “Significa que você não deve agir ou falar com pressa, Frankie. Se você não sabe a resposta, *pense*, reserve um momento para descobrir o que estão te perguntando.”) Estudei o ambiente. As cortinas de renda dela ondulavam com a brisa nas janelas da cozinha; o fogão a gás reluzente com puxadores clássicos dourados; a Frigidaire que cintilava como o Surfista Prateado da Marvel, com dispensadores na porta para você se servir de gelo e água sem abrir o aparelho, algo que eu nunca tinha visto antes; a saia branca plissada de tênis, os tênis brancos, as pernas vigorosas e o modo como ela esperava sem piscar. *Ela olha como um guarda na fronteira da Alemanha Oriental. Dê a resposta errada e você nunca vai voltar. Ela não é só uma mulher bonita que joga tênis e aquele não é só um belo par de tênis; ela tem lâminas na ponta dos tênis e vai te chutar as canelas se você esquecer o que seu pai disse e falar apressado.*

“Mãe”, disse Elgar, “eu já te contei o que ele disse.”

“Não tenho como confiar que você vai trazer o troco certo da loja, Elgar. ‘É bacana, eu acho’? Elgar, é *você* que fala assim. O

pai dele é um educador.”

“Eu pretendia dizer mais”, eu falei pedindo desculpas.

“Claro que sim. O Elgar não te deu chance.”

Ela parecia feliz. Eu queria que ela continuasse assim. Todo espião sabe manter os guardas sorridentes.

Eu disse que era bom ser negro. Ela soprou mais um fino ciclone de fumaça. Ela não parecia feliz. Aí eu disse que os negros podem fazer coisas legais.

“Como o quê?” ela perguntou, mais alerta.

Eu estava confuso, por isso falei do resort Masongate no lago Gull, perto de Brainerd, em Minnesota. Disse que a minha família e várias outras famílias negras passávamos uma semana lá todo ano em agosto, pescando, andando de barco, nadando e fazendo esqui aquático. Ela sabia o que era o resort Masongate, mas algo na minha história não bateu com o que ela sabia sobre o lugar. Ela perguntou se eu estava confundindo o resort Masongate com outro lugar.

Celina Davenport se levantou e encostou na pia, de costas para a janela. Com o resto do primeiro cigarro ela acendeu outro, jogando a bituca pela janela.

“O que o Urso Smokey diria?”, Elgar perguntou alarmado.

“Um dia você vai fazer alguém uma boa esposa, Elgar”, ela disse, mas olhava para mim.

A primeira e única vez em que ela tirou os olhos de mim foi quando usou o isqueiro para acender o primeiro cigarro. Agora ela tirou os olhos de mim de novo e soltou a fumaça para o lado. Quando voltou a olhar para mim, continuava não havendo afeição no seu rosto.

Eu estava mentindo e ela sabia. Nós não ficávamos no resort Masongate; ficávamos no Twilight Loon Cabins, a três quilômetros do Masongate, do lado do lago em que havia pântanos no lugar de praias. Uma parte do lago onde não havia lanchas, nenhum grande prédio com entretenimento noturno, nada de esportes aquáticos como jet ski, nem de restaurantes elegantes que serviam peixe com batatas gratinadas. Em vez dos quartos luxuosos com ar-condicionado do Masongate, o Twilight

Loon Cabins tinha cabanas para onde você levava a própria comida com portas precisando de pintura, e o som delas batendo atravessava o lago. As luzes externas ficavam tão distantes umas das outras que você precisava de uma lanterna para ir de uma cabana para a outra. Só no ano anterior, 1966, as quatro famílias negras tinham começado a levar seus filhos para Masongate para jantar e aproveitar as atividades. Nós não ficávamos lá, no entanto, e algo me disse que a sra. Davenport sabia disso. Ela encharcou o novo cigarro debaixo da torneira.

“O pai do Elgar acha que os Twins não vão chegar na World Series este ano”, ela disse, como se falasse com alguém que não estava ali. Ela encheu um copo com água da torneira e bebeu um pouco. “Que tipo de torcedor é esse?”

## 2

Uma gosma de maionese, queijo, tomates e nervos expostos, tudo somado com a nova sensação do pesto, se agitava no meu estômago enquanto eu subia a colina apressado indo da casa do Elgar para minha. Quando cheguei nos degraus da varanda dos fundos ouvi uma canção de Dinah Washington no rádio. Havia Selos Verdes da S&H e uma caderneta para colá-los sobre a mesa da cozinha, e ao lado um livro sobre estatística para estudantes de psicologia. Minha mãe estava dando uma pausa nos estudos e colava seus selos.

“E aí?”, ela disse.

“Não tem carne nos sanduíches deles.”

Minha mãe riu e diminuiu o volume do rádio.

“Nós estamos *em* Minnesota”, ela disse, “mas nós não somos *de* Minnesota. O Bull Connor podia economizar com os cachorros se tivesse a comida daquela mulher.”

“Mãe?”

“Diga.”

“Nada.”

“Que foi?”

“Como você se sente?”

“*Sinto* que devia estar na minha varanda com um mint julep me abanando, em vez de quebrar a cabeça lendo sobre estatísticas ou lambendo selos de descontos.”

Eu não tinha me mexido.

“Por que a pergunta?” Ela estava sentada; exatamente a altura certa para me olhar nos olhos.

“Pra saber o que dizer da próxima vez.”

“Que próxima vez?”

“Da próxima vez que a sra. Davenport perguntar como eu me sinto sendo negro.”

“Não!” O rosto dela era um desejo violento. “Não, ela *não fez isso*.” Ela comprimiu as palmas das mãos contra a mesa como se estivesse prestes a se levantar e ir dar uma surra na sra. Davenport. *E depois?* Ela deve ter pensado, porque ela não levantou. *E depois?*

Ela estava aprendendo algo valioso sobre a elite branca do Norte, algo que ela não teria imaginado que era possível antes de se mudar para Kenwood: como alguém pode guerrear por procuração usando o filho de outra pessoa. Ela sabia agora qual devia ser a sensação de ser morta por um míssil teleguiado. Que tipo de mulher ia usar teu filho para te machucar? “*O bom, o belo e o verdadeiro*” era um axioma Du Boiseano de que minha mãe gostava. “Essas devem ser as nossas aspirações. E isso começa com o modo como tratamos as pessoas.” *Me provocar à distância, e usar meu filho como míssil teleguiado*; se foi isso que ela pensou quando cheguei em casa, então ela também teria lembrado à Celina Davenport que ficava lá bem dentro da cabeça como ela deixa o Elgar e todas as outras crianças dessa vizinhança à vontade quando está com eles; como sempre coloca meia bola a mais de sorvete na casquinha para eles; como faz chapéus de marinheiro vermelhos, brancos e azuis no Quatro de Julho, e acende a vela deles enquanto eles desfilam colina acima. *Mas você dá um nó no estômago do meu filho.*

Uma noite, quando eu era mais velho e praticamente morava sozinho, cheguei em casa tarde e em silêncio. Minha mãe estava

sozinha no escuro, de frente para a lareira. Meu pai estava estendido no sofá, dormindo. O brilho suave da lareira era a única luz. Ela estava enfiando agulhas em pequenas bonecas de pano, dando a elas nomes de duas colegas de trabalho brancas. “E essa aqui”, ela disse deliciada, enquanto enfiava a agulha na boneca, “eu deixo tremendo e paralisada.” Sorri e fui me deitar, sem que ela soubesse que eu tinha visto. *Ela está lúcida*, pensei, enquanto deitava na cama. *Depois de tudo que passou, ela está lúcida.*

### 3

Da vez seguinte que brincamos de agente secreto na mansão do outro lado da rua, perdi de novo no sorteio e fiquei como soviético.

“*De novo?*”, reclamei.

Liam Gundersen era agente soviético junto comigo; Elgar e Oskar eram agentes do MI6. Peguei Elgar no Muro de Berlim e deixei ele preso na guarita com suas paredes imaginárias de ar. Corri ao longo da cerca para ajudar Liam a pegar Oskar antes que ele atravessasse para Berlim Ocidental. Eu não tinha ido longe quando ouvi o Elgar gritar.

“Escapei!”

O corpo pequeno e roliço dele rolou por cima da cerca.

Respondi gritando, “Você está preso; você tem que ficar na guarita!”.

Ele gritou, “Você não me algemou!”.

Ele estava do outro lado da cerca agora, correndo pelo quintal dos McDermott, a caminho do quintal dos Tyson. Eu estava furioso.

“Não corra, seu merda!”

O cabelo vermelho dele sacudia ao vento. Ele virou o rosto com sardas e sorriu.

Meu pé esbarrou em alguma coisa sólida no chão perto da cerca. Era uma embalagem plástica de detergente Palmolive

verde-esmeralda. Eu me abaixei e peguei. O peso daquilo na minha mão era substancial porque a embalagem estava quase cheia. Agarrei a embalagem pela parte mais fina. Senti meu braço se esticar para trás. Depois o braço se lançou para a frente. De um lado até o outro a embalagem verde girou, uma hora um machado, outra hora um bastão, enquanto voava na direção do sol; a luz do meio-dia atravessou o líquido verde como um prisma, até que a embalagem desapareceu nas mandíbulas do sol. Fechei os olhos para não ficar cego.

*Plop! Splat!*

Os joelhos do Elgar dobraram. Ele estava de bruços no quintal dos McDermott.

Corremos até onde ele estava. Detergente verde vazava na grama de uma rachadura na embalagem plástica. Sangue vazava da nuca do Elgar. Uma haste dos óculos fundo de garrafa dele tinha saído da dobradiça e estava atrás da cabeça, no chão.

Mas a palavra *sangue* não me ocorreu imediatamente. No começo, o que vi na nuca dele era uma lambida de vaca, um tufo vermelho de cabelo que saiu do lugar. Depois o que vi era um pequeno jorro de água como a água que jorrava do bebedouro do lado de fora da sala da sra. Anderson, que era tão pequeno que os lábios encostavam na torneira quando você bebia.

Liam e Oskar correram em busca de ajuda.

Eu fiquei ali, o sol batendo no meu pescoço, meus olhos encarando Elgar enquanto ele sangrava. Seria errado dizer que eu queria machucar o Elgar. Mas agora que ele estava machucado, eu não queria ajudar. Sabia que *devia* querer ajudar; mas esse era um conhecimento desprovido de desejo, e que se manifestava na segunda e terceira pessoas — *Você devia querer ajudar*, ou *O garoto Wilderson devia querer ajudar*. Vozes que ficavam na escada dos fundos e um pouco à esquerda do que eu realmente sentia.

O minúsculo jorro de sangue saindo da carne macia na nuca cessou em segundos, mas fiquei ali esperando que o minúsculo gêiser voltasse. *Elgar Davenport sangra. Se Elgar sangra, a mãe dele sangra.* Até aquele momento as pessoas à minha volta em



Kenwood pareciam sem sangue e eternas.

(Três anos depois, na primavera de 1970, quando moramos em Berkeley, um Pantera Negra me deu *Os condenados da Terra* de Frantz Fanon em uma sessão de estudos que ele e mais uns alunos organizavam para garotos que estavam começando o ensino médio. Naquela noite li o que pude de “A respeito da violência”, em que Fanon escreveu sobre o momento em que o nativo da Argélia vê o colono francês sangrar, aquele momento em que o argelino “descobre que a pele do colono não tem mais valor do que a pele do nativo; e deve-se dizer que essa descoberta chacoalha o mundo de uma maneira muito necessária”, e pensei naquele dia com Elgar.)

Senti uma pontada entre as pernas. A mesma pontada de êxtase que senti na noite em que, meio dormindo e meio acordado, molhei a cama; o prazer do relaxamento que podia durar até que eu sentisse o lugar molhado.

Quando os paramédicos avaliaram o caso, um disse para o outro, “Caiu na moleira”.

“Explica o sangramento.” O parceiro dele concordou com a cabeça.

Contando até três, eles puseram Elgar na maca. Um deles disse que Elgar teve sorte porque a moleira dele não era mole como a de um bebê, ou o ferimento teria sido bem pior. Os olhos de Elgar estavam abertos, mas ele não disse nada. O primeiro paramédico balançou a cabeça.

“Qual é a probabilidade?”

“Uma em 1 milhão.”

“Nem isso.”

Quando vi a sra. Davenport implorando com os paramédicos para deixarem que ela fosse na ambulância, soube que meus pais iam me bater. Mas eles não me bateram. Eles estavam atordoados demais, os braços moles e inúteis demais para erguer algo pesado como um cinto. Além de eu não apanhar, meus pais não me puniram. No outro dia eles continuavam abalados, mas não o suficiente para deixar de divergir como deviam explicar o ferimento do Elgar para mim.

Meu pai, que sabia latim e tinha ensinado leitura dinâmica para executivos para ganhar dinheiro enquanto terminava o doutorado, falou comigo como se eu fosse um aluno de mestrado.

“Um lugar no crânio onde a ossificação não é completa, Frankie, e as suturas naturais não se formaram.”

“O lugar macio na cabeça do bebê”, a minha mãe disse, suspirando.

“Falar gugu-dadá não vai melhorar o vocabulário dele, Ida-Lorraine”, meu pai disse, franzindo a testa.

Ela disse que nós teríamos que ir juntos à casa dos Davenport. Mas antes, ela queria que eu contasse o que tinha acontecido. Eles sentaram um ao lado do outro no sofá na sala. Fiquei de pé diante deles. Conteí tudo de novo. Como Elgar tinha sido capturado no Muro de Berlim. Como Elgar violou as regras quando saiu da guarita. Como eu me abaixei e peguei uma embalagem de detergente de louça.

“E eu joguei. Não joguei *nele*, mãe. Só joguei.”

Meu pai tinha parado de fumar cigarros anos antes. Ele estava tentando largar o cachimbo. O cachimbo estava apagado. Com a boca fechada em torno dele, meu pai roía suavemente a madeira. Ele me olhava como se eu fosse uma das crianças na ala psiquiátrica que chefiou por um tempo, numa mescla de admiração e horror.

“Vinte metros e você quebrou a moleira dele.” Meu pai quase sorriu. A voz dele estava estranha, como se falasse de alguém que tivesse quebrado um recorde de atletismo.

Olhei para minha mãe. “Não foi por querer, mãe.” Aí eu chorei.

Ela me abraçou. “Eu sei. Eu sei”, ela disse. “Você é um bom menino. Eu sei como você se sentiu mal.”

Quando ela disse isso, lembrei que os primeiros sentimentos que irromperam em mim não tinham a ver com remorso. Mas como eu podia contar isso a ela e continuar sendo “um bom menino”?

A minha mãe fez uma caçarola com carne moída e queijo

extras.

Eu disse pra ela, “A sra. Davenport não serve comida pesada”. Eu disse três vezes; e a cada uma delas, minha mãe dizia, “É a intenção que conta”. Minha mãe disse isso sem me olhar. Em retrospectiva, fico pensando se “a intenção que conta” tinha mais a ver com a pergunta que a sra. Davenport fez para mim do que com o meu ataque ao filho dela; ou quem sabe as duas coisas estivessem inextricavelmente ligadas. Em vez de te dar um bofetão eu preparei uma comida que pode fazer você se engasgar. *Bon appétit!*

Minha mãe e eu descemos a colina para os Davenport. Elgar ainda estava em observação no hospital, mas a sra. Davenport disse que ele estava bem. Falei para o sr. e para a sra. Davenport o quanto lamentava, e era verdade. Mas havia outra verdade que não podia ser dita, nem mesmo para meus pais. Qual seria o resultado, eu me perguntava, desse duelo entre remorso e desejo no coração?

#### 4

Sobrevivi ao ano seguinte, 1968, à base de citações de astros do cinema, romances de espionagem e, lá pelo fim de agosto, citações do presidente Mao. Um monge com contas de malaquita, eu me agarrava às palavras dos outros. Mas de minha travessia pouco graciosa por aquela escola de brancos, foi Stevenson ou Poe ou algum outro escritor de vinho-e-revólver que guardei na memória e levei para a minha mãe?

“Antes de morrer, um homem tem que escrever um livro, amar uma mulher e matar um homem.”

Ela me olhou como se eu fosse uma encomenda endereçada para os vizinhos.

“Você está falando isso pra eu te dizer o que isso significa?”, ela perguntou.

“Não. Estou dizendo porque é verdade.” Estávamos sozinhos. As janelas na sala estavam abertas. As cortinas tremulavam de

leve, se recusando a dizer por que ela olhava para o outro lado.

Em 1968, algo se rompeu dentro de mim. Eu continuava deitando na escuridão da sala de estar ouvindo música, como no verão anterior, quando tinha onze anos. Mas os cantos gregorianos foram substituídos pela música e pela voz de Curtis Mayfield, me incitando a ser “um conquistador” da “boa terra negra”. Na primeira vez que escutei Curtis Mayfield cantar, “*No more tears do we cry/ And we have finally dried our eyes*”, eu chorei. Achei que se ouvisse por tempo suficiente e com o empenho necessário, a voz de Curtis Mayfield ia sair, clara e feroz, da agulha do toca-discos, e me proteger contra um inferno que as pessoas diziam que eu era abençoado por habitar. (“Tem meninos no gueto que não têm uma vida tão boa.”)

No começo do ano, a Ofensiva do Tet sitiou nossa sala de estar. Pouco antes de meia-noite, ela crepitava com ruído branco enquanto meus pais, achando que estavam sozinhos, procuravam um sinal no rádio do aparelho de som. Às vezes eu me escondia na escada da frente e tentava ver os dois entre o madeirame da balaustrada. Muitas vezes eles sentavam no chão; eu via as suas pernas esticadas. Eu não ousava descer o último lance de escadas por medo de ser visto, e o patamar acima do primeiro lance era perto o suficiente para que eu escutasse o rádio e esperasse o nome do meu tio na lista dos mortos.

A música parou. O locutor anunciou que a estação em breve sairia do ar; mas antes, o boletim noturno do Vietnã.

“Um comboio da infantaria mecanizada da Segunda Brigada, da Quarta Divisão de Infantaria dos EUA, foi emboscado três quilômetros a noroeste de Plei Mrong na província de Kon Tum. Os elementos de segurança do comboio reagiram ao fogo do inimigo, e helicópteros do exército e a artilharia deram apoio à ação. Um helicóptero UH-1 foi atingido pelo fogo do inimigo e caiu no local, ferindo todas as cinco pessoas a bordo.”

Então veio a lista de nomes. A essa altura, o tilintar do gelo no copo de refrigerante da minha mãe parou. Pude sentir o meu pai ficar paralisado até os ossos. Eles não se moviam. Pareciam não respirar. A única coisa viva era o rádio.

“Terça-feira, vinte e nove de agosto.” O locutor pausou. Será que ele estava bebendo água? Será que a mão direita dele estava no microfone e a esquerda abafava uma tosse? “Duzentos e quarenta e dois homens em serviço morreram em combate nesta semana. Fechamos esta transmissão como fazemos todas as noites, com os nomes daqueles que tombaram hoje, seguidos de uma amostra das mensagens que nossos ouvintes deixaram na nossa secretária eletrônica. Os pontos de vista e opiniões não refletem os pontos de vista e opiniões da direção da wgbh, nem os pontos de vista e as opiniões das estações que retransmitem esse programa.

“Especialista William C. Gearing, vinte e dois anos, East Lansing, Michigan.

“Cabo Joseph L. Rhodes, vinte e dois anos, Memphis, Tennessee.

“Capitão Michael C. Volheim, vinte anos, Hayward, Califórnia.

“Soldado de primeira classe Craig E. Yates, dezoito anos, Sparta, Michigan.

“Soldado de primeira classe Ramon L. Vazquez, vinte e um anos, Puerto Nuevo, Porto Rico.

“Soldado de primeira classe Calvin R. Patrick, dezoito anos, Houston, Texas.”

Depois de o locutor ler os nomes, a voz dele continuou a seu modo de alcova, como se colocasse os soldados mortos na cama.

“Agora”, ele disse com uma voz calmante, “uma seleção de suas vozes feita pelo nosso estúdio”.

Um pequeno bipe, enquanto ele apertava um botão para tocar as mensagens da secretária eletrônica da emissora.

Uma mulher com um sotaque de uma cidade mineradora agradeceu a emissora por avisá-la da morte de seu filho dois dias antes de os Marines irem bater à porta de sua casa. Isso significou que ela não caiu dura no chão quando eles apareceram. Ela já tinha feito isso, em particular. A vizinha de rua dela desmoronou aos pés daqueles Marines na varanda dela. “É uma pena”, ela disse, “que eles não tenham permissão para te segurar

ou para levantar você do chão. Muito obrigada por me pouparem dessa indignidade.”

Um sujeito de Tulia, no Texas, exigiu que a emissora parasse de ler os nomes no ar. “Vocês estão fortalecendo os manifestantes contrários à guerra, que são traidores desta nação.”

Uma garota de Seattle disse que duas noites antes ouviu o nome de uma pessoa que se formou no ano anterior na escola onde ela cursa o ensino médio. “Foi ele que fez o *touchdown* da vitória na festa da escola. A gente acha que devia cancelar a festa desse ano e em vez disso fazer uma vigília à luz de velas. Se tiverem conselhos, agradeço.”

Uma mulher de Ohio disse, “Sou uma mulher branca, mas sempre me pergunto quantos meninos negros do Sul têm seus nomes lidos por vocês toda noite. Por que eles morreram? Barracos improvisados, desnutrição, degradação e desemprego? Por favor, alguém me diga.”

Ouvi o tilintar do gelo no copo da minha mãe quando ela ousou tomar mais um gole do refrigerante.

“Teu irmão está vivo”, ela disse de um jeito brando.

Meu pai disse, “Sim, mais um dia de vida”.

Ouvi os dois rezarem seus pais-nossos juntos, e soube que eles estavam de joelhos.

Um dos alunos do meu pai fugiu para o Canadá para escapar da convocação. Os canadenses o aceitaram, sem questionar nada. Fiquei me perguntando se eles me aceitariam, sem questionar nada, se eu fugisse da minha guerra em Kenwood.

Completei doze anos em abril, no mesmo dia em que o Congresso aprovou a Lei da Habitação Justa e sete dias depois do assassinato de Martin Luther King. Vi os tumultos na tv com a minha avó, uma católica de New Orleans que deu aulas para a segunda série e que, em certo momento, tocou piano com a Preservation Hall Jazz Band. A vó Jules adorava todo tipo de esporte. O marido dela, o 2-2 Jules (apelidado pela capacidade de derrotar um batedor toda vez que jogava numa situação com dois acertos e dois *strikes*) rejeitou um convite para jogar pela Liga

Nacional dos Negros e trabalhou como porteiro e depois como rebocador quando chegou a Grande Depressão. Mas ele já tinha morrido em 1968. Quando ia para o Norte visitar a gente, a vó Jules passava tempo comigo e com o meu pai vendo beisebol, futebol americano e basquete, e jamais ia atrás de antiguidades com a minha mãe, filha dela. Ela adorava pé de porco em conserva e uma cerveja chamada Hamm's, produzida do outro lado do rio em St. Paul.

O assassinato de Martin Luther King e a Ofensiva do Tet mudaram a relação da minha família com o rádio e a tv. Meus pais ouviam a lista noturna de baixas para saber se meu tio estava nela. A minha avó e eu assistíamos aos tumultos.

Uma noite, os pés dela levantaram da espreguiçadeira e ela quase derrubou a cerveja e os pés de porco da bandeja que usava para comer assistindo à tv. Enquanto eu estabilizava a mesa, ela riu como nunca tinha visto antes.

“Vai em frente, meu filho!”, ela disse.

Eu tinha ouvido ela dizer isso várias vezes, sempre que Tony Oliva dava uma boa rebatida ou quando Gale Sayers corria para um *touchdown*. Mas nem Oliva nem Sayers estavam na tela. A alegria dela me contagiou e também ri alto. Um nó se afrouxou no meu peito, um tumor fantasma que estava lá desde o primeiro ano. Estávamos assistindo aos tumultos, e o riso da minha avó fez a minha dor ir embora. Se eu tivesse dito que nos seis anos anteriores tinha odiado a imensa maioria dos alunos e metade dos professores da minha escola, estaria mentindo; nunca foi simples assim. Mas seria justo dizer que jamais fiquei à vontade na presença deles; e como o rosto deles estava comigo mesmo quando eu não estava com eles, também seria verdadeiro dizer que eu raramente, ou talvez nunca, ficava à vontade.

“Vai em frente, meu filho!”

Ela não estava falando comigo, falava com o sujeito na tela; mas, naquele momento, ela e eu éramos um triângulo com o sujeito na tela. E eu me senti amado.

Gostaria de dizer que a cidade na tela era Cleveland, mas podia ser Detroit; Washington, d.c.; Cincinnati; Chicago;

Kansas City; Baltimore; Pittsburgh; Trenton, em Nova Jersey; ou Wilmington, no Delaware. Podia ser qualquer lugar, e todo lugar. Não havia incêndios visíveis, mas a fumaça subia de prédios em ruínas. Marcas de derrapagem eram como cicatrizes na rua no lugar em que um sujeito sem camisa com um trapo em volta do rosto andava com um carrinho de supermercado pelo bulevar. A vó Jules ria como se o peito dela estivesse cheio de gases. Eu soube naquele exato momento que o sacerdócio estava morto para mim. Quando crescesse eu ia ser um saqueador e deixaria minha vó orgulhosa.

Nosso alvoroço chamou a atenção dos desmancha-prazeres que eram donos da casa. Minha mãe desceu e disse para a mãe dela não dizer aquelas coisas. Vi a silhueta da minha mãe na porta de correr da sala de estar, com as luzes da sala de jantar nas costas dela. Ela era graciosa mesmo parada. Ela e meu pai trabalharam como modelos em exposições de moda organizadas pelo Boulé e pelo Links, dois dos grupos negros de classe média a que eles pertenciam. Todo mundo ficava em silêncio quando os dois caminhavam pela passarela. Os amigos da minha mãe diziam que ela era parecida com a Donyale Luna, que arrebatou o mundo em 1966 ao se tornar a primeira negra a agraciar a capa da *Vogue*. E eu me esforçava para compreender como o sangue que havia na pele clara e no corpo esguio da minha mãe era o mesmo que corria nas veias da minha avó, que era baixa e escura, chupava ossos de vértebras e pisava com força no pedal do abafador quando tocava piano. Aos trinta e seis anos, minha mãe ficou no batente da porta, emoldurada por sua reprovação, e falou com sua mãe de sessenta e três anos como se suas idades fossem invertidas. Minha avó e eu olhamos para ela como duas crianças pegas fazendo arte.

“Não diga isso, mãe. Daqui a pouco ele vai falar isso na escola. Ele já é desobediente o bastante sem isso.”

Quando voltamos a olhar para a tv, o sujeito com a máscara, o trapo e o carrinho de supermercado tinham desaparecido. Minha mãe subiu a escada e voltamos às nossas palhaçadas.

“Por que estamos bravos?”, perguntei para a minha vó



enquanto víamos as colunas de fumaça subindo das lajes.

“Porque a gente tá sem emprego?”, eu disse, dando uma risadinha e olhando com cuidado para as portas de correr em busca de sinais da minha mãe e da bronca que ela me dava pelo jeito de falar “tá”.

“Não”, minha avó respondeu, “não é por causa de empregos.”

“É por que a gente tá sem água quente?”

“Não é por causa da água, meu filho.”

“Por que a gente mora no gueto?”

“Frankie, *você não está* no gueto”, ela disse rindo, “e *você está bravo*”. (Como ela sabia disso era um mistério, porque eu não me lembro de um dia ter lhe contado o que acontecia na escola.)

Então, como se tivéssemos combinado, dissemos juntos, “A gente está bravo com o mundo!”

Do alto da escada ouvimos, “Mãe, *por favor!*”

Seria forçado, porém, dizer que minha avó era afropessimista. Mas o afropessimismo não é uma igreja aonde você vai para rezar ou um partido em que você vota para estar no poder ou para ficar fora dele. O afropessimismo é o povo negro no seu auge. “Bravos com o mundo” é o povo negro no seu auge. O afropessimismo nos dá a liberdade de dizer em voz alta o que, de outro modo, iríamos sussurrar ou negar: que não há negros no mundo, mas que, pelo mesmo padrão, não há mundo sem os negros. A violência perpetrada contra nós não é uma forma de discriminação; é uma violência necessária; um tônico para todos que não são negros; um conjunto de rituais sádicos e de cativoiro que só poderia acontecer com pessoas não negras caso elas violassem esta ou aquela “lei”. Esse tipo de violência pode acontecer com um ser senciente em duas circunstâncias: uma pessoa que violou a lei, o que significa dizer, fez o que não devia dadas as leis vigentes; ou a uma pessoa escravizada, o que equivale a dizer, não há pré-requisitos necessários para que aconteça um ato de brutalidade. Não existe antagonismo como o antagonismo entre o povo negro e o mundo. Esse antagonismo é a essência daquilo que Orlando Patterson chama de “morte

social”, ou da “letalidade”, nas palavras de David Marriott.<sup>[1]</sup> É o conhecimento e a experiência dos acontecimentos do dia a dia, em que o mundo lhe diz que você é necessário, necessário como destino de sua agressividade e renovação.

O antagonismo entre o sujeito pós-colonial e o colonizador (o massacre de Sand Creek ou a Nakba palestina)<sup>[1]</sup> não pode — e não deve — servir de analogia para a violência da morte social: esta é a violência da escravidão, que não acabou em 1865 pela simples razão de que a escravidão não acabou em 1865. A escravidão é uma relação dinâmica — não um evento, e certamente não um lugar como o Sul; assim como o colonialismo é uma dinâmica relacional —, e essa dinâmica relacional pode continuar a existir depois que o colonizador partiu ou cedeu o poder governamental. E essas duas relações são asseguradas por estruturas de violência radicalmente diferentes. O afropessimismo oferece uma lente analítica que funciona como corretivo para as lógicas presumidas pelo humanismo. Ele oferece um aparato teórico que permite ao povo negro *não* ter de carregar o fardo do ardil da analogia — porque a analogia *mistifica*, mais do que esclarece, o sofrimento negro. A analogia mistifica o relacionamento dos povos negros com outros povos racializados. O afropessimismo trabalha para colocar em relevo essa mistificação — sem temer as falhas e fissuras reveladas no processo.

A vó Jules se reviraria no túmulo se soubesse que eu penso nela como afropessimista. Ela era uma mulher católica que nunca deixava de se confessar. Mas depois de se aposentar, o discurso dela deixou de sofrer com o fardo da analogia, o que significa que ela se permitia dizer que não estávamos bravos pelos mesmos motivos que deixavam bravas as pessoas que sofriam com a opressão de classe, com a discriminação de gênero ou com a dominação colonial. A raiva deles tinha um fio terra interno ao mundo. Nós éramos o fio terra. Nós éramos os alvos da raiva que de outro modo teria se voltado contra si mesma. Os negros eram a contradistinção viva à própria vida. E quando ficávamos velhos demais (como no caso da vó Jules) ou éramos

novos demais (como eu) para saber o que a minha mãe sabia, nós recusávamos o ardil da analogia e deixávamos que nossa raiva falasse sua verdade: a vida humana depende da morte negra para existir e ser coerente. A negritude e a escravidão estão ligadas de maneira indissociável a tal ponto que, quando a escravidão pode ser separada da negritude, a negritude não pode existir senão como escravidão. Não existe mundo sem negros, mas não há negros no mundo. Você precisava ser jovem ou velho para que essa Eucaristia tocasse teus lábios.

Esse cisma não demorou para se colocar entre meus pais e eu. Sentia mais desprezo do que compaixão por eles. Minha mãe estava terminando o doutorado e, em algum momento durante esse período, trabalhou como administradora de escola pública para a prefeitura de Minneapolis. Meu pai era professor e tinha um cargo de direção na Universidade do Minnesota. Os dois eram psicólogos que, além de trabalhar como acadêmicos durante o dia, mantinham consultórios particulares; e eles se atiraram no sonho de Martin Luther King de igualdade racial e no sonho de Lyndon Johnson de uma Grande Sociedade. Isso significava que eles emprestaram suas habilidades para solicitar financiamentos para iniciativas populares, e que eles eram anfitriões de infinitas reuniões sociais e políticas em nossa grande sala de estar, onde gente de todo tipo, que se não fosse por isso talvez não se conhecesse (administradores da universidade, empresários liberais, planejadores urbanos, ativistas e estudantes), se reunia para fundar centros de treinamento profissional na comunidade negra, divulgar programas para nativos americanos, programas de saúde mental para pessoas sem recursos.

Em 1968, o ano em que a Lei da Habitação Justa foi aprovada, meus pais foram de porta em porta em Kenwood entregando panfletos que explicavam a lei de um modo que, eles esperavam, não seria ameaçador e incentivaria as mesmas pessoas que haviam se esforçado tanto para mantê-los longe de Kenwood a acolher uma ou duas outras famílias de negros de braços abertos. Eles fizeram várias oficinas de Habitação Justa nas casas de

moradores ricos da região e pediram que eles colocassem as placas de madeira dizendo habitação justa em seus gramados. Logo ficou claro que o perfil demográfico das pessoas que participavam dessas oficinas eram mulheres brancas cujos maridos estavam no trabalho. As donas de casa adoravam o meu pai e toleravam a minha mãe, embora os dois fossem bonitos. Meu pai tinha mais de 1,80 metros de altura. Em saguões de mármore, ele tirava seu longo casaco de couro por baixo do qual usava camisas com abotoaduras e ternos que pareciam feitos sob medida. Ele olhava nos olhos das pessoas enquanto falava, e elas sorriam para ele e assentiam com a cabeça como suplicantes. Quando chegava a vez de a minha mãe falar, a atenção deles diminuía, e o tilintar de xícaras demitasse e pires salpicavam o ar.

Minha mãe tentou se atirar de cabeça na época. Pensando nisso, comprou uma peruca afro e a usou. Ao final de cada oficina, era hora da grande pergunta: “Quem aqui gostaria de ficar com uma das placas de habitação justa que temos no carro para colocar no gramado de casa?”. Uma mulher ergueu a mão. Deixando de lado a questão que havia sido colocada, ela perguntou a meu pai se ele já tinha trabalhado como modelo. Caso contrário, ela continuou, ela conhecia uma pessoa que conhecia alguém que era dono de uma agência de modelos.

Com um sorriso amarelo, minha mãe tentou levar a conversa de volta para a habitação justa. Outra mulher ergueu a mão para concordar que meu pai seria um lindo modelo. Então, outra ergueu a mão para acrescentar que por mais que *ela* quisesse colocar uma placa no gramado, o marido não aprovaria. Minha mãe saiu da sala. Deixando de lado a sugestão do trabalho como modelo, meu pai disse a elas que ele e minha mãe ficariam felizes de voltar à casa de qualquer pessoa ali para uma conversa individual com os maridos. Minha mãe ficou observando do saguão, sentada no primeiro degrau da escadaria. Ela tirou a peruca afro da cabeça e a colocou no degrau ao seu lado.

O ano de 1968 também foi o momento em que o Movimento Indígena Americano foi fundado no sul de Minneapolis, a apenas cinco quilômetros de Kenwood. Da noite para o dia, questões relativas à soberania dos nativos americanos e às demandas do movimento passaram a ser parte da paisagem da Universidade do Minnesota. Meu pai era o responsável por um programa em uma reserva a vários quilômetros da cidade; era um programa conjunto com o governo tribal. As reuniões do conselho eram realizadas com indígenas urbanos, líderes tribais da reserva e meu pai, no sul de Minneapolis. Assim como nas oficinas da habitação justa, meus pais me deixavam ir assistir às reuniões. Imediatamente, ficou claro que as pessoas da reserva não queriam aderir a algumas das exigências da Universidade do Minnesota, que financiava o projeto. Politicamente, eu achava que os interesses institucionais do meu pai eram equivocados, e que os interesses dos povos indígenas estavam certos. Achava que a universidade devia entregar seus recursos para os nativos americanos sem insistir que eles prestassem contas do uso do dinheiro.

A sala estava cheia. Todas as vinte cadeiras da grande sala de reuniões estavam tomadas. Mais quinze ou vinte nativos americanos estavam de pé encostados na parede e sentados nos grandes parapeitos das janelas. Meu pai era alvo de escárnios e zombarias sempre que tentava falar, mas nunca zombava como resposta. Havia uma carga afetiva na sala que tinha mais a ver com o fato de meu pai ser negro do que com o fato de ele ser um representante da universidade. A certa altura, um nativo com quem eu compartilhava um parapeito, se adiantou.

“Não queremos você, um *crioulo*, dizendo o que a gente deve fazer!” As paredes lotadas explodiram com aplausos.

O que eu não conseguia ver na época, e que não tinha interesse em ver na época, era que as ricas donas de casa brancas nas oficinas da habitação justa compartilhavam do mesmo espaço psíquico dos indígenas das regiões abandonadas do sul de

Minneapolis, embora as mulheres que frequentavam as oficinas dos meus pais morassem em uma parte da cidade tão apartada das ruas onde o Movimento Indígena Americano foi criado quanto a Atlantis estava de Marte. Claro, o mito do Destino Manifesto, do qual essas mulheres eram desmamadas desde a infância, estava inextricavelmente associado à quase-aniquilação da vida indígena. Seria errado dizer que as mulheres brancas de Kenwood e o indígena sentado no parapeito a meu lado, que chamou meu pai de “crioulo”, rezavam na mesma igreja. Mas em última instância, os mundos de ambos eram sustentados por uma necessidade de se distinguir da mesma encarnação do diferente. Nas salas de estar luxuosas de Kenwood, as mulheres alimentavam sua negrofilia com a carne do meu pai, e deixavam minha mãe de lado. Na sala de reuniões tribal, os indígenas não tinham utilidade para nenhum dos meus pais: *Sejamos brancos e ricos ou vermelhos e pobres, não queremos um crioulo dizendo o que devemos fazer*. As mulheres brancas expressavam sua recusa em ser autorizadas pela negritude por meio de sua inconsciente negrofilia (“O senhor já foi modelo, professor Wilderson?”), associada a uma necessidade de remover minha mãe da cena de sua fantasia. Os nativos americanos expressavam sua recusa por meio de sua inconsciente negrofobia (“Não queremos você, um crioulo, dizendo o que a gente deve fazer!”). Tanto no caso dos brancos como no dos indígenas, o afeto falava com uma só voz: um coro de economia libidinal. No inconsciente coletivo da imaginação indígena, o espectro da negritude era uma ameaça maior do que a instituição colonizadora que havia despachado um professor negro para fazer seu trabalho sujo.

Meu pai olhou para cima de onde estava, na mesa. Ele manteve contato visual com o nativo sentado a meu lado enquanto a sala explodia em seus ouvidos, mas não demonstrou raiva; e a dor só apareceu nos olhos dele depois que eles encontraram os meus, com a aprovação pelas vozes que zombavam dele. Um pai encarou os olhos irônicos do filho. Eu sentia prazer na dor dele, porque a ruína dele me tornava parte de uma comunidade. Ao zombar desse “crioulo” eu estava em

comunhão com o “nós”.

Mais tarde, meu pai e eu ficamos sentados no carro por vários minutos. A chave estava na ignição, sem girar. Ele não falou comigo. Meu pai jamais demonstrou raiva ou dor em público, e eu agora era tão parte do público quanto os indígenas que o expulsaram da sala. Dava para ver a expansão e a contração do peito dele. Ele exalou longa e lentamente.

“Por que não dar simplesmente o que eles querem? A terra é deles. O dinheiro é deles”, eu disse.

Ele suspirou. Deu a partida. Engatou a marcha. Eu era novo demais para saber como a antinegritude move a busca pela soberania tanto quanto o desejo para se ver livre do colonizador. E ele estava entorpecido demais para explicar. Os nativos americanos falavam como soberanos para alguém que não tinha soberania. O problema essencial não está no termo que eles usaram para se referir a meu pai, ou seja, o problema essencial não está na representação de seus sentimentos antagônicos, mas na *estrutura* de uma relação antagônica entre o povo indígena com algo de selvagem e uma pessoa negra sem nada a perder.

Meus pais carregavam sua raiva como frascos de nitroglicerina embalados em palha. Ao contrário de mim, eles conheciam os efeitos colaterais da raiva negra. Meus pais sabiam, e ensinavam às pessoas que eram baleadas e aos estudantes que fugiam para o Canadá para escapar da convocação para as Forças Armadas. E sabiam que eles próprios eram observados pelo fbi. Eu, sem saber nada da bigorna que pesava sobre eles, achava que eles eram simplesmente uns vendidos. Achava que seguravam a língua quando seus colegas brancos faziam comentários racistas porque eles não se importavam com a revolução que estava descontrolada à volta deles. Lentamente, depois de anos às turras com eles, a visão que eu tinha dos meus pais mudou quando entrei para a academia e fui atingido, em primeira mão, por aquilo que Jared Sexton chama de “estrutura oculta da violência que subscreve tantos atos de violência, sejam eles espetaculares ou banais”.<sup>[2]</sup>

A dissimulação tinha sido uma ferramenta de sobrevivência,

um implemento que eles usavam para se manter vivos e colocar comida à mesa. Eles sabiam que intelectuais negros só podiam forçar os limites até o ponto considerado aceitável por seus interlocutores não negros. Também sabiam que precisavam conhecer os limites do que seus colegas e interlocutores brancos eram capazes de assimilar, especialmente caso esses interlocutores não soubessem qual era seu próprio ponto de ruptura. Meus pais precisavam saber por eles. “Imagine o negro que o branco quer que você seja [...] e seja esse negro (ou, pelo menos, finja ser)”, David Marriott escreve em seu tratado sobre o linchamento. “Nossa consciência [...] faz esse trabalho de adivinhação, de ousar e ousar mais. Não há lugar aqui para aquilo que o negro quer, ou para um inconsciente negro movido por seu próprio desejo e por sua agressão.”<sup>[3]</sup>

Vi o mundo colocar o desejo de meus pais em confinamento, ao mesmo tempo em que me maravilhava com minha avó e a conversa de alguém que havia fugido dessa cadeia. O desejo negro é um crime de fuga. Os Estados Unidos já não precisavam de minha avó como estímulo, como confirmação, como uma mulher em quem colocar a culpa à medida que a nação se descostura — do modo como ainda precisavam de minha mãe. “Sou uma mulher marcada”, Hortense Spillers escreve, “mas nem todo mundo sabe meu nome. ‘Querida’ e ‘Moreninha’, ‘Minha flor’ e ‘Pérola Negra’, ‘Tia’, ‘Vovó’, ‘Radical’, ‘Primeiro as Mulheres de Ébano’, ou ‘A Moça Negra no Palco’: eu descrevo um locus de identidades confundidas, um local de encontro de posses e privações no tesouro nacional das riquezas retóricas. Meu país precisa de mim e caso eu não estivesse lá, teria de ser inventada.”<sup>[4]</sup>

Os Estados Unidos já não precisavam da minha avó como sua invenção. Ela estava livre para reagir e para matá-los, desde que fizesse isso em seus sonhos, ou quando estava comigo, assistindo aos tumultos de 1968. Mas os Estados Unidos ainda tinham planos para minha mãe, uma mulher negra de trinta e seis anos de idade em seu auge. Apenas três anos antes, em 1965, Daniel Moynihan tinha definido a imago da minha mãe como a



fonte da veia destrutiva da “cultura do gueto” e da família negra. [5] Ela não entrava em uma sala como uma mulher com um doutorado. Entrava como a principal razão para que os homens se sentissem castrados; como um entrave, maior do que a antinegitude, para o sonho do homem negro de um horizonte distante. Minhas explosões de alegria com a visão de um saqueador só confirmariam o que o mundo já sabia sobre ela. Para Moynihan, eu era um monstro fabricado pela minha mãe.

## 6

Fomos para Seattle naquele verão, um verão sabático para o meu pai, um verão de pesquisa para a minha mãe. Não se passou um dia sem que eu fosse intratável. Quando um bispo foi à aula de catequese numa noite fria de quarta-feira e pediu que o grupo de meninos e meninas de doze e treze anos usasse a mesada daquela semana para doar para sua missão na África, levantei a mão. Assim como nas aulas de catequese em Minneapolis, eu era o único rosto negro na sala. A irmã Mary Alvin ficou radiante. O bispo fez um gesto com a cabeça de pio encorajamento. Um aceno que eu conhecia bem demais depois de seis anos em uma escola fundamental em Minneapolis: Olhe, o menino negro vai falar. Veja como ele foi educadinho erguendo a mão.

“Os africanos pediram para o senhor ir lá?”, eu disse.

O bispo olhou para a irmã Mary Alvin. Depois olhou para mim.

“O Espírito Santo não precisa de convite. É claro que a pessoa precisa se arrepender e ser batizada.”

Eu disse ao bispo que usaria meus trinta e cinco centavos para comprar uma barra de Snickers. Ele podia ficar com minha mesada na outra semana se fosse para a África e voltasse com uma carta dos africanos dizendo que queriam ele por lá.

A história chegou antes de mim em casa, onde uma surra estava à minha espera.

Ficou nítido para todo mundo que eu era bom em esportes, e meus pais devem ter pensado que o simples exercício de jogar futebol americano e beisebol ia fazer eu suar até a grosseria sair pelos poros. A caminho da Universidade de Washington, minha mãe me deixava em um centro comunitário. Estava mais para clube de meninos. Eu não me lembro de minha irmãzinha ir comigo, nem vejo nenhuma menina na minha memória quando me lembro daqueles dias. Só posso presumir que ela e meu pai acharam que ia me fazer bem ter por perto aquilo que eu nunca tinha tido por perto na minha vizinhança, um grupo de homens negros (meninos, na verdade, mas a não ser que você estivesse apaixonado pelo seu dentista, você não ia chamar ninguém ali de menino). Foi ali que me aproximei de algo que só tinha visto na tv com a minha avó. Não só passei a entender que “intratável” não era uma deficiência de personalidade minha e exclusivamente minha, que aquilo era uma herança comunitária, assim como a raiva, e o riso forte dirigido a todas as coisas que deixavam a maior parte dos brancos triste; mas também fiquei sabendo sobre os Panteras Negras nesse “clube de meninos”. Ouvi em aceleração máxima as palavras que estavam na minha cabeça como desejos sem palavras, como “Eu vou encher esse lombriga de porrada!”.

Da primeira vez que ouvi essas palavras no centro comunitário de Seattle, ri alto. Como uma palavra podia causar tanta alegria? *Lombriga!* Aquilo me fez rir por dias. “*Eu vou encher esse lombriga de porrada!*” Eu sabia que meus pais não achariam graça se me ouvissem falar isso; me ouvir falando que eu estava prestes a *encher um lombriga de porrada* não era o que eles tinham em mente quando decidiram que Seattle seria o lugar onde eu ia encontrar homens negros que serviriam de modelo para mim. Eu era esperto o bastante para saber que aquela frase podia me fazer passar o resto do nosso verão em Seattle num centro comunitário para brancos. Mas eu não conseguia evitar. Desde o “Vai em frente, meu filho!” da minha avó eu não me sentia tão inspirado por palavras!

Eu ia para o lugar mais distante do nosso quintal para ouvir

todos os modos diferentes como eu podia fazer aquelas palavras cantarem. Eu cantava aquela frase num tom grave e feliz, com a voz de barítono de Barry White. Cantava como Aretha insistindo em R-E-S-P-E-C-T. Cantava em falseto como Eddie Kendricks quebrando vidro com sua voz. Sozinho no quintal, ficava de frente para uma árvore e avisava, “Ser grande não significa nada, eu vou encher esse lombriga de porrada”.

Minha mãe foi até a varanda dos fundos. Não sei há quanto tempo ela estava ali. Ela só ouviu o som da minha risada. Só viu que eu estava conversando com uma árvore. Em sua voz de sanidade mental, ela me perguntou se estava tudo bem. Ah, sim, tudo maravilha, eu disse. (*Vou dar uma surra nesse lombriguinha em forma de árvore, só isso.*) E eu tive que me controlar pra não cair na gargalhada. Feliz de te ver sorrindo, filho, ela disse antes de voltar para dentro.

Tinha um “lombriga” que não era árvore. Ele administrava o centro comunitário majoritariamente negro de Seattle. O nome dele era Reg, mas a gente raramente chamava o sujeito pelo nome (exceto quando ele estava por perto), o que fazia todo o sentido porque não estávamos falando com o nome dele. O Reg tinha a aura de um policial barbado e grande, mas em forma, que vi muitas vezes quando morei mais tarde na África do Sul; um sujeito que ia a botecos negros em Soweto e pedia cervejas africanas. Ele tinha torturado alguns daqueles caras e, depois que tudo acabou, pediu para eles virarem a carne na grelha do churrasco. Ele sentava na mesa de plástico com eles para mostrar que não havia nada pessoal no modo como torturou aqueles caras. O Reg punha o queixo para cima quando falava — fosse para elogiar os mais novos como eu ou para advertir os mais velhos. Estivesse em movimento ou parado, ele disparava respirações curtas, instintivas, entre as palavras. Andava apressado saindo do parquinho, passando pelo estacionamento e pela academia, com o sangue-frio de um homem que governa.

Começou uma briga no estacionamento debaixo de um céu sem nuvens. Eu estava dentro do centro comunitário jogando queimada quando alguém gritou, “A merda tá rolando solta!”.

Qual era a merda e por que ela estava rolando? Todo mundo que correu para a porta parecia saber. Eu era o único que não tinha a menor ideia. Eu sabia — *todo mundo* sabia — mais ou menos dos contornos de por que aquilo tinha acontecido. O mundo inteiro do centro comunitário revolia em torno das regras do Reg. O Reg decidia quem podia pegar as bolas de basquete e quem não podia. O Reg definia as atividades da semana. O Reg fazia uma anotação ao lado do teu nome se você fizesse algo que não devia ou simplesmente falasse alto demais. Três anotações e você não podia voltar por uma semana. Ele tinha dado a terceira anotação para o Luke, um menino de dezessete anos. Reg queria que o Luke saísse do centro comunitário. Até aí eu sabia porque estava lá dentro quando Reg deu a terceira anotação para o Luke. Luke se deixou ser levado até o estacionamento. Mas parou, como se tivesse mudado de ideia, e virou para entrar de novo. A mão do Reg estava no ombro do Luke, conduzindo-o para fora. Uma multidão começou a se juntar em volta dos dois. Abri caminho como um peixe pequeno em meio ao amontoado de homens-crianças que queriam ver o Luke dar porrada por eles.

“Encosta em mim de novo”, ouvi Luke dizer.

Luke e Reg se encaravam de frente. Eu olhava perplexo enquanto o Reg se aproximava lentamente. O Reg era um homem de no mínimo vinte e cinco anos e parecia ter levantado pesos, enquanto o Luke tinha o corpo de um pivô pequeno de um time de ensino médio.

O Reg disse, “As regras valem para todo mundo, inclusive pra mim”.

Ao que Luke respondeu, “Encosta em mim de novo, vai”.

O Luke colocou a mão no bolso. A expressão de Reg indicava que ele sabia exatamente o que ia acontecer caso a mão do Luke reaparecesse e o quanto esse resultado era desejado não só pelo Luke como por todos os meninos em volta. E Reg parecia saber que sua coragem desesperada seria devorada se ele fizesse um movimento em falso. Reg encarou a gente por um momento e nunca vi ele chegar tão perto de chorar ou de pedir desculpas.

Eu sabia o quanto eu era baixinho comparado com os outros,

a maioria deles, adolescentes de verdade, sendo mais velhos do que eu. Eu tinha que olhar para cima para ver quem estava falando quando alguém xingava o Reg ou dizia pro Luke partir pra cima. Pássaros metralhavam o sol como um punho de pimenta no último olho bom de Deus. Parecia que o Luke estava coçando a coxa por dentro do bolso da calça. A voz do Reg estava embargando, mas ele não conseguia parar de recitar as regras. Eu ouvi o clique da navalha de Luke antes de ver seu brilho duro e direto.

Minha mãe brincava que na parte de New Orleans onde ela cresceu você podia ser esfaqueado por causa de um pão com pasta de amendoim. Embora risse ao contar isso, o brilho nos olhos dela (e o “*com certeza*” do meu pai) me convenciam de que ela sabia o que estava falando. Eu, no entanto, nunca tinha visto alguém ser esfaqueado, nunca tinha visto alguém tirar sangue de outra pessoa por querer. (O sangue que eu tirei do Elgar Davenport foi resultado da ausência de vento e da atração da Terra, não da força das minhas intenções. A intenção clara da navalha do Luke mal lembrava a parábola casual de uma embalagem de detergente que desenhou um arco e caiu e rachou a cabeça do Elgar.)

“Já disse, encosta em mim de novo.”

Alguém atrás de mim disse, “Sangra o cara”.

Depois alguém à minha esquerda disse, “Sangra o cara”.

Depois uma terceira voz cantou aquilo como se fosse um hino.

Reg sacudiu a cabeça, mais numa oração, parecia, do que num desafio. Ele olhou para cima, mas as nuvens tinham corrido para se esconder.

Ouvi a voz de uma mulher.

“Não! Não! Você não quer fazer isso!” Eu conhecia aquela voz. Às vezes, na igreja, se eu fechasse os olhos, ela tecia a rica urdidura dos cantos gregorianos e me alcançava no banco em que eu estava. Minha mãe tinha aberto caminho até a frente, empurrando todos nós para o lado como o vento empurra o mato alto.

“Nenhum de vocês quer fazer isso”, continuava repetindo.

Ela se colocou entre o Reg e o Luke. Quer dizer, entre o Reg e a navalha do Luke.

Alguém na multidão disse, “Quem é essa mulher?”. E, antes que eu pudesse escapular de volta para o centro, uma outra voz disse, “Ah, é a mãe do Tampinha”.

Ela disse para o Luke levar todo mundo pra dentro. Fiquei perplexo de ver que ele fechou a navalha e obedeceu. Aquela não foi a pior parte. A pior parte foi que ela *me* fez esperar com o lombriga no estacionamento enquanto entrava para falar com o Luke. Quando saiu, ela disse uma só palavra: “Venha”.

Ela pôs o Reg no banco da frente do carro dela e me fez sentar no banco de trás. Enquanto o carro se afastava, a bochecha de Reg se contraía. O suor colava a franja dele na testa. Minha mãe perguntou em que rua ele morava e ele disse. Depois disso, ninguém falou. Deixamos ele em casa e saímos sem que eu tivesse permissão para passar para o banco da frente.

Desprezei minha mãe pelo resto do verão; e desprezei meu pai ainda mais por dizer que ela fez a coisa certa. Agora sei que ela tentou menos salvar o Reg, e mais nos salvar do breve futuro que nos esperaria se o Reg sangrasse.

Assim como ela, nós tínhamos uma vida inteira de encarceramento pela frente.

## Capítulo três

### Hattie McDaniel está morta

#### 1

Essa é uma história que nunca contei antes. Nem para o meu irmão nem para as minhas irmãs. Nem mesmo para as mulheres com quem morei e casei. Quase quarenta anos se passaram antes que eu conseguisse dizer o que aconteceu com Stella, com a filha dela, Malika, e comigo.

Entrar nesse assunto, sempre pensei, só me causaria constrangimento, uma súbita necessidade de estar em outro lugar, que é a resposta natural a uma confissão. Mesmo agora, admito, a história me deixa inquieto; viver com a culpa de querer deixar tudo para trás quando achei que podia morrer. Por anos tive de viver com isso, sentir essa vergonha, tentar mantê-la longe de mim. Houve momentos em que tentei escrever sobre isso na esperança de que, por meio desse ato de memória, de colocar os acontecimentos no papel, pudesse aliviar a pressão na minha consciência.

A coragem, eu parecia pensar, vem aos revolucionários em quantidades finitas, como uma herança que você guarda, deixa render juros, e saca quando chega a hora de acertar as contas. Era uma teoria reconfortante. Oferecia esperança e graça a um tolo.

Acreditava que quando chegasse a hora do confronto eu enfrentaria o Homem como a soldada Assata Shakur do Exército de Libertação Negra enfrentou o Homem na New Jersey Turnpike quando os policiais estaduais atiraram no peito dela; que eu agiria como Jonathan P. Jackson agiu no tribunal de

Marin County, na Califórnia.<sup>[2]</sup> Caso algum dia houvesse alguma coisa realmente importante em jogo — caso a revolução exigisse meu sacrifício — eu simplesmente precisaria um reservatório secreto de coragem que vinha se acumulando dentro de mim desde os doze anos de idade, quando li *Alma no exílio*, de Eldridge Cleaver, e quando meus professores de ginásio e ensino médio eram os duplos dos réus nos julgamentos políticos, como os Oito de Chicago e os 21 Panteras.<sup>[3]</sup> Stella calhou de ser um desses duplos. Ficamos juntos por quase dez anos, embora nunca tenhamos casado. Ela tinha trinta e oito anos quando nos conhecemos, eu tinha vinte e dois.

Eu achava que tudo tinha começado quando conheci Stella no final de março de 1978 uma semana depois de a Universidade de Dartmouth me mandar para casa por liderar alunos negros em uma campanha de solidariedade com as pessoas que faziam a comida e limpavam os banheiros e moravam fora da cidade. Aparentemente, alguns alunos que pertenciam a fraternidades reclamaram com a reitoria que as pessoas do Caminho dos Apalaches tinham deformidades faciais e de outros gêneros causadas por aquilo que os irmãos da fraternidade de Dartmouth chamavam de consanguinidade caipira. Ver aquelas pessoas do Caminho dos Apalaches comer na mesma sala causava indigestão neles, segundo a carta. A reitoria respondeu determinando que os funcionários do Refeitório Thayer, assim como dos prédios e do terreno, deviam, daquele momento em diante, comer fora dos horários de pico e apenas em antessalas do refeitório que seriam reservadas para eles e só para eles. Fiz lobby com os cerca de trezentos alunos negros do campus. Aquele era um decreto fascista, argumentei, e precisávamos agir. Mas muitos outros disseram que os funcionários que vinham de cidadezinhas pequenas ao redor como Lebanon, em New Hampshire, e muitas cidadezinhas que só tinham duas-lojas-e-um-bar no sopé das montanhas hasteavam a bandeira dos Confederados em alguns bares, e gritavam “crioulo” quando passavam por nós dirigindo suas caminhonetes em alta velocidade. Uma vez, três de nós estávamos perdidos no interior numa época em que nem



Dick Tracy tinha gps. Passamos de carro por casas de pé-direito baixo à beira de uma estrada florestal, como palitos de fósforo espalhados pelo chão. A cada quatro ou cinco carros, havia uma carcaça enferrujada e sem rodas. Fiquei chocado pela falta de ódio nos olhos das crianças que olhavam para nós quando passávamos. Quando me virei no banco e olhei para trás, elas ainda estavam olhando, como se esperando que Deus as ajudasse a dar nome para o que elas tinham acabado de ver. No fim, a Sociedade Afro-Americana votou para dar início a uma campanha de desobediência civil com o objetivo de forçar a reitoria a revogar seu decreto. Durante a campanha, fui detido e preso. Um representante da reitoria estava à minha espera do lado de fora do tribunal de Hanover, em New Hampshire. Ele me entregou um documento de duas páginas em espaçamento simples com acusações. Eu disse que a prefeitura havia retirado todas as acusações. Ele implorou que eu lesse a carta. “Seus problemas com a Justiça acabaram. Mas seus problemas com a Universidade de Dartmouth estão só começando.”

Dois anos antes, o fbi havia me rastreado em Trinidad. Como acontece com a maior parte dos arquivos de inteligência no momento em que são abertos ao público, o meu estava cheio de trechos com rasuras que lembram marcas de tiro no flanco de um veado. O nome do agente que me seguiu até Trinidad no inverno de 1976, o inverno de meu segundo ano em Dartmouth, foi rasurado. E ele ou ela nem parecia interessado no sujeito que mal tinha completado vinte anos e que estava estudando. Na Universidade das Índias Ocidentais, ele estudou teatro caribenho. Fez pesquisa de campo sobre Rada, uma grande família de loa (espíritos) na encarnação trinitária da religião africana vodu. A terceira disciplina que ele cursou foi um estudo independente projetado por ele mesmo, uma tese de cinquenta páginas sobre suas experiências como participante-pesquisador do Partido Comunista em Trinidad. O arquivo do fbi não mencionava nada disso.

Durante seu período em Trinidad, Wilderson esteve em contato com um membro do Comitê Porto-riquenho de Solidariedade em Trinidad e Tobago, e prometeu àquele indivíduo que tentaria contatos nos Estados Unidos para que aquela organização obtivesse literatura, e que tentaria obter ajuda financeira.<sup>[1]</sup>

Wilderson supostamente afirmou ser membro de um grupo revolucionário não especificado nos Estados Unidos. Ele nasceu em 11 de abril de 1956. Nos Estados Unidos, é aluno da Universidade de Dartmouth, é portador do passaporte nº F 2316717, e seu endereço postal é Hinman, Caixa 3983, Universidade de Dartmouth, em Hanover, New Hampshire 03755.

Esse relatório foi enviado da “legação, caracas”, o adido legal na Venezuela, para Clarence M. Kelley (sucessor de Hoover como diretor do fbi). De acordo com a propaganda oficial, “O adido legal do fbi trabalha com as forças legais e órgãos de segurança do país anfitrião para coordenar investigações de interesse de ambos os países. O papel dos adidos legais é sobretudo de coordenação, uma vez que eles não conduzem operações de reunião de inteligência sobre outros países nem investigações de contrainteligência.”<sup>[2]</sup> Não há qualquer explicação quanto ao motivo da legação do fbi na Venezuela empregar alguém de seus quadros para espionar um estudante americano; ou qual poderia ser a natureza da operação conjunta entre os eua e o país anfitrião (Trinidad ou Venezuela?). O relatório começa dizendo, “A fonte confidencial no exterior mencionada no memorando é”. A rasura tem quase duas linhas de extensão. Em outras palavras, ocultou-se mais de um nome. Ele continua: “[Lacuna] pediu para ser informado se wilderson no passado já havia chamado a atenção por atividades políticas extremistas nos Estados Unidos”. Então, “Pede-se que o fbi e o escritório de Boston informem caso wilderson tenha chamado a atenção em conexão com atividades de segurança”.

Essa, no entanto, *não* é a história que eu jamais consegui

contar. Essa história eu vou contar para vocês agora, mas esse relatório do fbi complica a história. Ele corrompe as ligações casuais que me ajudaram a dar sentido à violência a que Stella e eu fomos submetidos, quatro anos depois de eu ter voltado de Trinidad; dois anos depois de Dartmouth ter me expulsado por liderar uma campanha de desobediência civil em nome de funcionários que eram brancos e, na opinião de nossas mentes negras e solitárias, racistas impenitentes.

O arquivo do fbi chegou enquanto eu escrevia este capítulo. Ele corrompeu a lógica causal dos acontecimentos que fazem minhas mãos tremerem enquanto rabisco essas palavras com a minha caneta. Antes da chegada do arquivo, eu achava que pelo menos seria capaz de cartografar ponto a ponto a cadeia de acontecimentos que levou Stella e eu e Malika, a filha pequena dela, a sair de nossa casa; acontecimentos que nos deixaram como única alternativa mandar Malika morar com parentes pela própria segurança; acontecimentos que levaram Stella e eu a sair do estado do Minnesota quando ficamos sem amigos e sem refúgio. O arquivo do fbi chegou quando eu finalmente estava firme em minha convicção de que os acontecimentos tinham a ver com o passado de Stella, e não com o passado dela e o meu. Cheguei a achar que um arrombamento do meu apartamento, por dois brancos que não queriam nada de valor, era um efeito colateral do processo que Stella movia contra o governo.

## 2

Falta um mês para eu completar vinte e quatro anos, e roubei o carro dos meus pais. Eles estão em Moscou, minha mãe e meu pai, ou em Beijing, ou talvez estejam em Bremen ou em Belize, uma turnê de dois meses estudando os perigos das clínicas de saúde mental soviéticas, três semanas em trocas de experiências com administradores chineses de educação especial, um estudo da renovação urbana alemã com a Fundação Ford, ou uma missão de resgate para estudantes americanos que usaram drogas

em excesso e que estavam presos em Belize — não sei porque não moro mais com eles. Meu irmão de catorze anos me deu os detalhes, mas a única coisa que registrei foi o fato de que o carro deles estaria na garagem. Dois anos antes, em março de 1978, eu fui, como mencionei, expulso de Dartmouth por liderar um ato de desobediência civil. Era o final do trimestre de inverno do meu último ano de graduação e faltavam três disciplinas para que eu me formasse. Para Stella ou qualquer um que perguntasse, eu usava o “suspensão por tempo indefinido da Universidade de Dartmouth” como uma medalha de combate. Mas ninguém sabe quanto chorei naquele ônibus de volta para Minneapolis. Antes de deixar a sala do tribunal, com um documento que me dava quarenta e oito horas para fazer as malas e partir de Hanover, o presidente do comitê, um representante da reitoria, reconheceu que a punição era dura, mas, ele explicou, uma equipe de psicólogos vinha me avaliando desde que cheguei a Dartmouth. Eu tive quatro anos, concluíram esses fantasmas da terapia que jamais se encontraram comigo, para “inculcar o *esprit de corps* de uma instituição da Ivy League” — as exatas palavras do representante da reitoria e, sem dúvida, dos psicólogos. Durante quatro anos estive sob tratamento psiquiátrico sem jamais ter encontrado as pessoas que me tratavam. Nisso eles estavam em pé de igualdade com o sujeito do fbi que foi atrás de mim em Trinidad e mandou relatórios para Boston e Caracas; o dia inteiro, a noite toda, anjos cuidando de mim.

### 3

Stella já não era a mulher de nove anos antes, quando a vi no Arsenal do campus da Universidade do Minnesota. Eu tinha quase quinze; ela tinha completado trinta e um três meses antes. Era março de 1971, o mesmo mês e o mesmo ano do arrombamento do escritório do fbi em Media, na Pensilvânia, que em breve iria revelar o Cointelpro.<sup>[3]</sup> Naquela manhã, William Calley foi condenado pelo massacre de quase

quinhentos civis vietnamitas pela Companhia C, num vilarejo chamado My Lai. Stella estava pensando no massacre enquanto ficava ao lado de um ônibus e dizia a recrutas ansiosos que eles voltariam do Vietnã vestindo a manga dobrada de um garoto de um braço só. Richard Nixon, num gesto tranquilizador, falou no rádio: “Os soldados americanos agora estão em posição defensiva... As atividades ofensivas de busca e destruição agora são realizadas pelos vietnamitas do Sul”. O bombardeio do Camboja estava ainda em curso e eu roubava produtos na Dinkytown a duas quadras do campus da Universidade do Minnesota.

A frente fria tinha se desfeito rápido e as temperaturas subiram de 10°C para 20°C. Não havia neve nem lama nas calçadas. Meu amigo Robert Stevenson Stone e eu roubávamos álbuns de rock e vendíamos baratinho para os hippies. Com a calçada seca dava para ganhar de qualquer caixa de Dinkytown na corrida.

Os *E Pluribus Funk* do Grand Funk Railroad, eu lembro, eram totalmente redondos e cobertos com um filme prateado para lembrar uma imensa moeda. A parte de trás da capa desse álbum tinha uma foto do Shea Stadium, para celebrar o fato de que o Grand Funk Railroad quebrou o recorde de público dos Beatles no estádio ao esgotar os ingressos em apenas setenta e duas horas.

Roubei três deles de uma loja de discos em Dinkytown, perto de um café onde Bob Dylan costumava tocar. Dinkytown não era uma cidade nem um bairro, eram meras duas quadras de lojas e lanchonetes perto da Universidade do Minnesota. Nossa escola de ensino médio era composta de dois prédios, um em cada extremo de Dinkytown. Escondido atrás do portão principal da universidade ficava Pike Hall, que serviu como escola experimental da universidade para os filhos dos professores. No outro extremo de Dinkytown ficava um prédio de tijolos pouco inspirado, que tinha sido a Escola Pública de Ensino Médio Marshall para garotos brancos da classe operária. As duas escolas se fundiram em 1968 num experimento social financiado, em

grande parte, pelos recursos das iniciativas da Grande Sociedade de Lyndon Johnson. Os filhos dos mandarins liberais tiveram de se misturar com os filhos dos operários do moinho de trigo e da ferrovia e, para dar integridade demográfica ao experimento, nativos americanos eram levados de ônibus da zona sul e negros da zona norte, representando quatro por cento e nove ou dez por cento, respectivamente.

A caminho da loja de discos, onde os álbuns esperavam por nossas mãos leves, eu andava por Dinkytown com o rosto triunfalmente virado para o primeiro genuíno calor do sol.

Bob Stone era comprido e magro, uma espécie de Al Green sobre palafitas. Nós tínhamos a mesma altura quando começamos o nono ano, mas nas férias de Natal ele cresceu como uma planta em *time-lapse*. Eu tinha inveja da altura dele, por isso dizia a mim mesmo que eu tinha algo melhor, uma jaqueta de beisebol com barras de ouro e estrelas de feltro pelos meus *três* esportes — futebol americano, salto de esqui e atletismo — sendo que Bob não participava de nenhum deles porque, embora corresse bem, não era atlético. Disse ao Bob para pegar apenas os álbuns do *E Pluribus Funk*. Ele disse que dava para conseguir mais dinheiro com lps do Hendrix. “O *Band of Gypsies* não vai caber debaixo da tua camiseta”, protestei. Mas o Bob não quis saber. Ele quase fez a gente ser pego.

Sempre entrávamos separados na loja de discos, e cada um tinha distrações inerentes para oferecer. Os funcionários olhavam para cima e viam meu rosto negro. Eu não precisava olhar para eles para sentir o modo como seus olhos se fechavam no meu rosto e no meu cabelo. Um momento depois, dava para sentir o olhar deles se assentar serenamente na minha jaqueta de beisebol. *Os esportes o mantêm longe de confusão*. O Bob não tinha a mesma sorte. Ele morava num conjunto habitacional e não tinha um esporte. Já eu morava numa mansão e tinha um esporte para cada estação. Por isso ele não tinha uma jaqueta de beisebol e a japona que a mãe lhe dera não era substituída desde o sétimo ano e parecia uma camiseta de nylon.

Ele entrou primeiro. Eu normalmente era o segundo. Da janela da rua eu via o funcionário observando cada movimento do Bob. Quando eu chegava, ele se concentrava em mim. Enquanto ele decidia se eu era um bom negro, ou só um negro, o Bob fazia seu primeiro movimento e enfiava um ou dois discos debaixo da japona. Vi Stella pela primeira vez no mesmo dia em que Bob saiu do roteiro e, em vez do Grand Funk Railroad, pegou Jimi Hendrix.

Nós estávamos na loja fazia cinco ou seis minutos. O funcionário voltou a ler a *Ramparts*, aquela revista contracultural de esquerda da época, e olhava para cima de vez em quando para ver o Bob, que estava de costas para ele, mexendo numa seção de álbuns na parte mais distante da loja. Eu estava com três *E Pluribus Funk* contra as minhas costelas e ainda tinha espaço para mais dois. Andei até o balcão para comprar papel de enrolar cigarros torcendo para o Bob conseguir dar o fora enquanto eu pagava. Mas o carinha no caixa era multitarefa. Ele contou meu troco com um olho e espiou por cima do ombro com o outro.

Teria sido divertido não fosse pelos peitos pontudos aparecendo debaixo da japona do Bob — peitos que ele não tinha quando entrou. “Cuida do balcão!”, o sujeito me disse enquanto corria atrás do Bob na saída da loja e quadra abaixo na direção do campus.

O caixa com longos cabelos cor de linho voltou arfando e suado, as bochechas da cor de flamingos.

“Você conhece ele?”

Fiz que não com a cabeça.

“Afanar as coisas não é bacana, mano. Nós somos todos uma só tribo”, o funcionário me disse. E me agradeceu por cuidar do caixa.

Bob e eu nos encontramos seis quadras adiante no arsenal do serviço de treinamento militar que ficava dentro do campus, uma fortaleza de arenito com plataformas em cada uma das extremidades que pareciam torres de um jogo de xadrez. Três ônibus fretados estavam virados para sudeste na avenida da Universidade em frente ao arsenal. Cinco homens brancos e três

mulheres brancas estavam sentados na rua, de costas para o para-choque do primeiro ônibus. Eles fumavam cigarros e estavam com dois dedos para cima no ar. Uma multidão se reuniu ao longo das laterais dos ônibus. O Bob disse que a gente devia se livrar do material antes que os porcos aparecessem para explorar. “*Pega a grana deles, cara, antes que tenham a cabeça rachada.*” Monóxido de carbono saía do silencioso escapamento de um dos ônibus em ponto morto. Uma fila de recrutas estava nos degraus do arsenal e a multidão de manifestantes começou a cantar sob um céu cor de salmão.

Era difícil não perceber Stella. Não havia muitos homens negros entre os manifestantes e ela era a única mulher negra. Estava na frente e abaixo dos degraus, perto dos ônibus. Os recrutas estavam todos no pé da escadaria agora. Bob e eu subimos os degraus e olhamos para baixo. Era o lugar perfeito para estar caso os meganhas aparecessem com seus cassetetes. Eles iam rachar a cabeça dos manifestantes perto dos ônibus, não as nossas, desde que ficássemos num lugar mais alto. “Eu não vou, não sou palhaço, não vou lutar pela Texaco!”, gritava a multidão. Não a Stella. Ela falava com cada recruta *individualmente*, quando eles entravam no ônibus. Perguntava se eles tinham alguma pessoa querida que ela pudesse contatar caso eles morressem. Ela disse a um outro recruta, “As pessoas que você matar lá vão ficar para sempre na sua cabeça”. Um vento ameno roçava as árvores; um par de alto-falantes Bose 901 grandes na janela da casa do outro lado da rua, que abrigava uma fraternidade, tocava “The Weight (Take a Load off, Fannie)”. A voz do cantor era aguda como a de uma gata selvagem no cio, firme como a de um pregador do Sul, exaurida como a de um soldado rebelde voltando para Turkey Scratch, Arkansas; um agricultor sujo no fim de um dia de trabalho. A pipa musical assoviava sobre a multidão de manifestantes e sobre a fila de rostos jovens e vazios que entravam no ônibus. Stella mostrava para eles uma foto da *Life* do tenente Calley enquanto eles passavam por ela. Achei que ela era à prova de balas.

“Você é melhor do que isso”, ela dizia para eles.



Um sargento arrancou a foto das mãos de Stella e rasgou em pedacinhos.

“Diga para eles”, ela falou, apontando para os homens que olhavam pela janela. “Se vire e diga para eles que vão voltar mentalmente sãos, que vão voltar com braços e pernas.”

Bob estava do meu lado no último degrau do arsenal. Ele percebeu como eu estava impressionado com ela.

“Ela é mulher demais pra você”, Bob disse.

“Você tá falando merda.”

“E olha como ela está se exibindo praqueles hippies.”

“Eles não são hippies. São da sds — olha, cara, tem uns professores nossos ali.” Nós estudávamos numa escola laboratório, um prédio ficava no campus e o outro prédio ficava na extremidade oposta de Dinkytown. Alguns de nossos professores eram pós-graduandos em busca de um doutorado em pedagogia. “A Nova Esquerda e os hippies estão em lados opostos. Você por acaso lê as revistas *Ramparts* que eu te dou?”

“Pra mim são todos uns brancos que não tomam banho. E ela está fazendo o jogo deles.”

Tirei os três álbuns debaixo da minha jaqueta e disse, “Nós estamos fazendo o jogo dos brancos que não tomam banho, não?”

“A gente está sendo pago. Ela está sendo usada.”

“A guerra não é uma questão racial. É uma questão de classe. Afeta todos nós.”

“Só estou dizendo que eu conheço o tipo.”

“E que tipo é esse?”

“O tipo que gosta de meninos brancos. Não que isso importe pra você; o jeito que você subiu.”

“Como foi que eu ‘subi’?”

“Esquece, Frank.”

“Não, diz aí. E afinal, como é que é: ela é mulher demais pra mim ou nós dois estamos tentando impressionar os brancos?”

“Vai nessa, Frank. Ela podia botar você para arrotar de noite antes de você ir dormir.”

Na verdade, Stella, durante meus anos de ensino médio e

faculdade, trabalhou como enfermeira até ter um problema nas costas. Ela nunca conseguiu se curar completamente a ponto de voltar a trabalhar como enfermeira, por isso foi trabalhar na parte burocrática da faculdade de pedagogia, onde meu pai era coordenador durante a Guerra do Vietnã. Ela era responsável pela colocação e pelo atendimento dos alunos de pós-graduação que trabalhavam como professores na escola de ensino médio experimental (“laboratório”) que o Bob e eu frequentávamos no campus. Mas em 1978, quando nos tornamos amantes, ela trabalhava como assistente numa escola fundamental e recebia auxílio do governo para complementar a receita.

Depois daquele primeiro encontro (ou melhor, *visão*) no arsenal, só nos encontraríamos após sete anos. E os sete anos entre os quinze e os vinte e dois foram mais longos na minha cabeça do que os sete anos que ela viajou entre os trinta e um e os trinta e oito; o que significa dizer que menos tempo e uma quantidade menor de memórias havia se passado naqueles sete anos para Stella do que para mim. Eu tinha passado do nono ano para o último ano da faculdade. Ao contrário de mim, ela cresceu naquele período, mas não no sentido físico. Por isso, quando ela me viu em uma sala da biblioteca perto da casa dela, com calças cáqui desbotadas enfiadas para dentro de um par de botas, um casaco do exército jogado em cima da cadeira que eu não estava usando, e meu cabelo em tranças paralelas ao longo da cabeça, ela me reconheceu imediatamente. Mas eu não sabia onde tinha visto antes aquela bela mulher e a filha dela de olhos grandes. No dia seguinte, peguei carona de Minneapolis para Columbus, em Ohio. Um mês depois, voltei para Minneapolis e procurei Stella. No fim do verão, estávamos apaixonados.

Nós fazíamos suflês na frigideira grande de ferro dela. De noite, depois do jantar, quando sua filha, Malika, ia dormir, sentávamos na varanda e víamos o sol ficar vermelho, e eu lia para ela trechos de um romance que estava escrevendo ou ela me ensinava a ouvir Miles. “As pausas longas entre as notas”, Stella dizia, por baixo da música. “Miles fazia do silêncio parte da música dele. Pequenos trechos de intenção sem som”, ela dizia.

Ela fazia eu me sentir suficientemente à vontade para ler minha prosa juvenil para ela. Fechava os olhos enquanto ouvia.

“Tanta tristeza na tua voz”, dizia. “Você é o príncipe da escuridão. Você nasceu numa quarta-feira. Acertei?” Dois raios prateados se fixaram na parte da frente do cabelo natural dela como suaves fagulhas de relâmpagos subindo acima de seus olhos. Cabeças se viravam para vê-la quando ela entrava em algum lugar; e eu sentia uma onda de masculinidade quando os olhos passavam dela para mim. É isso aí, pessoal, ela está *comigo*. De longe, as pessoas no campus confundiam Stella com Angela Davis, e eu me sentia homenageado como por osmose. Mas ainda que a miragem derretesse, eles bebiam da beleza singular dela, pois mesmo com sandálias de couro era alta para uma mulher; ela não passava pó no rosto nem batom nos lábios. Devia sua pele sem falhas ao fato de se alimentar organicamente muito antes de isso ser moda e de não querer nada com açúcar. Quando vi pela primeira vez aqueles dois relâmpagos no cabelo dela, achei que ela seria capaz de dominar o mundo. Algumas pessoas diziam que ela era encenqueira. Eu enxergava uma mulher negra que sabia defender a si e a qualquer outra pessoa que fosse vítima de abuso.

Quando sentava na cadeira da varanda e via as pessoas passarem pelo pátio do complexo de apartamentos onde ela morava, Stella “fumava” um cachimbo de sabugo de milho sem acender, como meu pai fazia quando eu era menino. E aquele cachimbo era igualzinho ao que vi minha bisavó fumar quando tinha doze anos de idade, na única vez em que me encontrei com ela. Na verdade, a Stella tinha a mesma fissura acima do nariz que vejo na minha vó Harper quando me lembro dela. Uma marca que esculpia o olhar das duas mulheres. Stella levava sua flauta para ir ouvir Frank Wess tocar, muito tempo depois de ele sair da banda de Count Basie. O bar era pequeno e metade das pessoas não ouvia a música; quando a banda fez um intervalo, Stella me levou para o palco e me apresentou para ele. Depois ela pegou a flauta e Wess improvisou com ela por um instante. Nem ferrando eu ia voltar para Dartmouth.

Ela viu como eu estava deprimido por ser expulso da faculdade. Quanto mais eu fazia pose de indiferença, mais sísmicas eram minhas mudanças de humor. Eu podia estar num cômodo com Malika e Stella e ficar cinco minutos sem dizer uma palavra, embora as palavras se agitassem na minha cabeça, altas como sirenes de nevoeiro. Stella não só foi enfermeira como era nutricionista autodidata. Ela foi a primeira pessoa a me dizer como era possível curar câncer por meio de dieta (algo que eu soube, anos mais tarde, se chamar Método Gerson).<sup>[4]</sup> Ela e a Malika raramente comiam carne e muito pouco frango. Não me lembro de uma refeição frita; e lugares como McDonald's, White Castle e Burger King (onde eu tinha trabalhado em Dinkytown da primeira vez em que pus os olhos nela) eram proibidos. Eu comia uma boa quantidade de barras de chocolate em 1978, quando começamos a ficar juntos. Ela me deixava desconfortável, o modo como me observava e dizia, “O funeral é teu”, dando de ombros. Quando finalmente fui morar com ela, arrancava uma barra de minha mão e dizia, “Vamos ver com o que esses *criminosos* estão te envenenando”, transformando uma palavra de quatro sílabas em três. Então, enquanto eu olhava desamparado pela perda, Stella lia em voz alta os produtos químicos impronunciáveis colocados na barra pela Mars, Incorporated, uma empresa que eu, mesmo como jovem comunista, via como minha amiga que só queria que eu desfrutasse de um delicioso torrão coberto com caramelo e amendoins envolto por um chocolate ao leite de dar água na boca. Jamais tinha me ocorrido ler os ingredientes, e eu não teria pensado neles como “venenos”. Mas a Stella insistia que o xarope de milho com alta frutose e os flavorizantes artificiais contribuía bastante para minhas mudanças de humor e para a minha depressão. No dia de Ano-Novo de 1979, ela fez um acordo comigo. Eu abriria mão das minhas barras Mars, dos Snickers e dos Three Musketeers por seis semanas. Ela também queria que eu fosse um sabujo de rótulos junto com ela no mercado; o que ela queria dizer com isso era que leríamos os rótulos de tudo que cogitássemos comprar, desde cereais até

ketchup, e que íamos descartar os produtos que tivessem mais de sete gramas de açúcar processado ou xarope de milho com alta frutose. Se, depois de seis semanas, eu não sentisse a névoa sumir do meu cérebro, se minhas mudanças de ânimo continuassem como antes, eu podia voltar aos meus hábitos temerários de sempre. Desnecessário dizer que a aposta da Stella funcionou. Eu tinha o tipo de clareza mental que não havia conhecido nas minhas duas décadas e pouco sobre este planeta. Muitas vezes me pergunto como eu poderia ter enfrentado a tempestade na Escola Elementar Kenwood caso soubesse sobre o açúcar quando menino. O que ela queria de mim não era mera abstinência. Ao longo daquelas seis semanas nós lemos *Sugar Blues*, de William Dufty, um livro que afirma que o açúcar chegou a ser a cocaína do mundo Ocidental, e que continua sendo tão debilitante e viciante quanto a nicotina.

No inverno fazíamos café no fogão em uma panela com água e quatro colheres de sopa de bom café moído flutuando na superfície. Se ficássemos conversando na mesa sem prestar atenção, quase deixávamos ferver. Bastava que ele *quase* fervesse para evitar que seu rico sabor tostado ficasse amargo. No ano em que decidi que jamais voltaria a Dartmouth, morávamos a cinco quadras do campus. A guerra do Vietnã tinha acabado três anos antes, e o campus não absolutamente se parecia com o lugar que conheci no ensino médio. Quando Saigon caiu em 1975, a atmosfera de justa indignação que deixara o ar mais denso se rarefez. Isso me deixava melancólico e tornava Stella obsoleta. Ficaram no passado as barricadas incandescentes que cortavam a avenida Washington, a artéria da universidade isolando o campus do centro de Minneapolis. Ficaram no passado as vozes com as listas de demandas que ocuparam as janelas do Morrill Hall. Ficaram no passado as palestras dadas das janelas quando as aulas e os seminários eram sequestrados para “discussões” anti-imperialistas. Tudo isso foi um breve momento em que o mundo era refeito, e Stella podia chegar, sem ser anunciada, e podia subir e ser aplaudida antes mesmo de falar. Mas esse momento acabou. A Esquerda Branca a roubara enquanto a lambia no

rosto. “Um, dois, três mini-Vietnãs”, ela dizia rindo. “Não tinha a ver com o Vietnã. Tinha a ver com as merdas que eles não resolveram em casa. Agora eles querem ir para casa. É isso que você pode fazer se você é branco neste país. Você pode ser turista no seu próprio filme.” Stella não estava errada. Fugitivos do Weather Underground chegavam a se entregar para a polícia e conseguiam acordos inéditos com os procuradores, enquanto membros do Exército de Libertação Negra continuavam caçados e torturados se e quando fossem capturados. Em um distrito tranquilo de Nova York, fugitivos do Weather Underground cometeram o erro inconveniente de tentar se entregar numa tarde de sexta-feira; disseram para eles voltarem na segunda para se entregar. “Imagine”, disse a Stella, “se fôssemos você e eu nos entregando. *Dane-se* que era sexta-feira. Eles iam ficar até tarde, não para fichar a gente, mas para bater na gente; e quando terminassem iam estar tão felizes que esqueceriam de anotar a hora extra.”

Uma noite na cama, eu disse que as duas faixas de prata no cabelo dela eram bonitas, mas comentei que uma mulher com trinta e tantos anos era nova demais para ter cabelo grisalho. Aconteceu alguma coisa com você, perguntei, alguma coisa traumática? Queria que ela confiasse em mim do mesmo modo que eu confiava nela.

“Estresse”, ela disse. Depois ela se virou e foi dormir.

Stella me mostrou os livros de Toni Morrison e Alice Walker. Juntos descobrimos Fuentes, Amado e García Márquez. Embora ela fosse quase uma geração mais velha e tenha crescido no Sul, enquanto eu nasci no Sul mas cresci em Minnesota, tínhamos o mesmo modo de estar nos nossos corpos, as mesmas tonalidades nas nossas vozes quando estávamos com nossos amigos brancos. Nós dois sabíamos deixá-los à vontade. Nossas palavras saíam sem esforço e eram bem escolhidas. Eles nos diziam (não com palavras) como se sentiam autênticos conosco; como iam se levar a sério a partir de agora. O jazz era sempre suave quando eles iam à nossa casa. Com nossos amigos negros falávamos como os brancos podem ser um fardo incômodo. Mas

essa dualidade tinha limites. Fazer com que nossos amigos brancos se sentissem seguros na nossa presença os levava a pensar que de algum modo nós éramos mais evoluídos do que os negros que eles viam incendiando as cidades na década de 1960.

A partir de 1978 e até o momento em que fugimos de nosso apartamento na primavera de 1980, arrastamos caixas de maçãs e produtos orgânicos com nossos amigos brancos na Wedge, a primeira cooperativa da cidade, com seus pisos sem acabamento e as caixas fedidas de aveia, sementes de chia, amêndoas cruas e milho moído a granel. Eles se sentiam em casa quando estavam conosco, uma sensação de acolhimento que jamais poderiam ter (mesmo que ela lhes fosse oferecida) no bairro negro na parte mais ao norte da cidade. Nossa casa era o térreo de um duplex no centro de um pátio circundado por um semicírculo de decrepitos apartamentos grosseiros a apenas cinco quadras do campus. Existe algo numa comunidade de um campus universitário que faz você ter a sensação de que nada catastrófico pode acontecer com você lá; é como se o mundo de verdade começasse na fronteira do campus. Nada de operários com marmitas descendo cansados do ônibus, nenhuma banheira estacionada em fila dupla no bulevar, nada de chapéus e sobretudos sobre o braço em boates subterrâneas, nenhuma explosão sonora na rua que faça parar o coração. Visitar nossa casa, menos do que causar tensão a eles, era uma possibilidade de acrescentar ornamentos de lugares distantes a suas prateleiras. E eles saíam com a sensação de ter marchado em Selma ou de ter arremessado tijolos durante os tumultos da região norte da cidade.

Mas isso não bastava para Josephine, que trabalhava com fusão e lixo nuclear em um laboratório na universidade. Há muito tempo esqueci se ela era parte do corpo docente ou se trabalhava como técnica. Essa amnésia me manteve são por quase quarenta anos.

Ela morava acima de nós. Antes de eu aparecer, Josephine e Stella tinham problemas — principalmente a discordância quanto à ética e à segurança da energia nuclear. O acidente de

Three Mile Island acontecera em 28 de março de 1979, menos de seis meses antes de eu passar a fazer parte da vida da Stella e — por extensão — da vida de Josephine. Mas os debates acalorados delas sobre esse tema, e mesmo a mudança de rotina de Stella quando nos tornamos amantes, não foram a verdadeira causa do desastre entre essas duas mulheres. Stella estava simplesmente cansada de fazer o papel de Hattie McDaniel para essa Vivien Leigh. “Eu cuidei dela quando passou por relacionamentos malsucedidos; mas ela nunca pareceu se importar com o que eu estava passando.” Parecia que Josephine pensava que a parte térrea da casa era uma simples extensão do andar de cima, onde ela morava. Não eram as visitas inesperadas que irritavam Stella (e eu) mas o modo como Josephine se ofendia quando Stella pedia que ela batesse na porta antes de entrar, ou para ligar primeiro quando “o Frank estiver aqui”. Quando ela ouvia essas palavras, dava para ajustar a hora pelo relógio de sol em que o rosto dela se transformava: Culpa. Ressentimento. Agressão.

Malika, Stella e eu estávamos nos fundos da casa jantando na mesa da cozinha. Ouvimos a porta da frente abrir e fechar. Josephine apareceu na porta da cozinha com ramalhetes de lilases em uma cesta de palha. Ela tinha colhido as flores no pátio, só para nós. Sem dúvida, na cabeça dela, as flores compensavam a violação de nosso espaço. Mas, em retrospectiva, só o que eu vejo no modo como Josephine tratava Stella é a extensão da prerrogativa do dono de escravos. Tem uma cena no filme *12 anos de escravidão* em que o senhor de escravos, Edwin Epps, entra abruptamente na cabana dos escravizados enquanto eles estão dormindo. Ele dança no meio do alojamento onde dormem e dá ordem para que eles se levantem e façam “folguedos” com ele na casa-grande. Levei quarenta anos para compreender que nem ele nem Josephine tinham violado o espaço de alguém. A cabana onde eles dormiam pertencia a ele do mesmo modo que a carne deles lhe pertencia. O regime de violência que os tornava propriedades dele e próteses de seu desejo impossibilitava que aquilo que fez fosse



visto como uma violência. Isso equivale a dizer que eu estava errado ao pensar que Josephine fez algo errado.

A certa altura da história, os escravizados da Costa Leste passaram a acreditar na elasticidade da acumulação e na fungibilidade; em outras palavras, os escravizados da Costa Leste *não* eram afropessimistas, uma vez que não se viam, primariamente, como o objeto do cativo; em vez disso, eles se viam como sujeitos da hiperexploração; e, assim como eu e Stella em 1980, os escravizados do fim do século xviii e do século xix na Costa Leste podiam ter imaginado que o lugar onde moravam era a casa deles — e não a casa que desde sempre e para sempre pertence a Josephine e a sua raça. Eles estavam destinados a um despertar traumático quando, a partir de 1808:

O movimento rumo a Oeste da cultura de *plantation* [em direção à Geórgia, ao Alabama, ao Mississippi e à Louisiana] — fosse ele movido por proprietários individuais que acompanhavam seus escravos ou por mercadores profissionais de escravos — dilacerou aquela sociedade, exilando centenas de milhares de sua terra natal e traumatizando os que permaneceram. Famílias e por muitas vezes comunidades inteiras se dissolveram sob a pressão dessa Segunda Grande Migração.<sup>[5]</sup>

Em resumo, Josephine estava *libidinalmente* dentro de seus “direitos” no dia em que irrompeu apartamento adentro enquanto jantávamos.

Com todo o equilíbrio que conseguiu manter, Stella agradeceu a Josephine e disse que as duas deviam se encontrar no dia seguinte para um café.

“Achei que tinha dito que você e o Frank estavam ocupados amanhã, mãe.”

Stella olhou para a filha como para dizer, Não vamos falar disso agora. Josephine não estava com ânimo para ser discreta. Na verdade, o equilíbrio de Stella irritou Josephine mais do que se ela tivesse surtado.

“Por que um café assim de repente?”, Josephine disse.

“Para falar sobre limites.”

“Achei que você era feminista”, ela disse para Stella, enquanto se virava para ir embora.

Por quase quarenta anos, imaginei como essa cena se desenrolava na cabeça de Malika, aos doze anos. Nós nem sempre éramos os melhores pais, Stella e eu. Nós nunca conversávamos com Malika depois desses confrontos tensos com alguém como Josephine. Isso não é totalmente verdade. A Stella sempre explicava para ela a natureza do racismo que estava por trás das coisas, a violência monstruosa que se abrigava no terreno das microagressões. Mas — e isso é algo de que me arrependo de todo coração — nunca lhe perguntávamos como ela processava emocionalmente esses espetáculos. Não sabíamos como ela tinha sido ferida, assim como eu não tinha ideia quando menino de como as palavras da sra. Davenport me afetariam mais tarde.

Desnecessário dizer, o fato de que eu tinha apenas onze anos a mais do que Malika não ajudava na nossa relação. Ela e eu tivemos problemas para nos adaptar um ao outro. Em mais de uma ocasião ela me disse, “Você não é meu pai”. Naquela idade, ela já tinha muita coisa com que se confrontar. O pai biológico dela era judeu, e embora parecesse que tinha abandonado a menina, emocional e financeiramente, e embora a família dele o tivesse renegado e deserddado (até que ele se divorciasse de Stella), ela carregava em si o conjunto de dilemas que parece afligir as crianças miscigenadas no caminho para a vida adulta — um receio de escorregar para a escuridão de seu lado negro sem jamais ascender à luz da redenção branca. E, de minha parte, eu me ressentia do fato de que ela tinha nascido com essa crise e eu não; uma crise em que eu, como pessoa de pele escura sem nada de branco em meus traços, era a imagem viva do inferno a que ela podia descer.

Stella me disse quanto tinha se esforçado para ensinar a filha sobre nossa cultura e sobre os flagelos que tínhamos enfrentado pelos direitos que a maior parte das pessoas nem sabe que tem.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.